



Casa

Nossa



**CENTRO CULTURAL**



GISELE COSTA SILVA



Rio de Janeiro  
2019

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.  
Orientador: Pablo Benetti



## Dedicatória

Agradeço a minha família: a meus pais, meus maiores e melhores orientadores na vida; e as minhas irmãs e cônjuge pelo apoio incondicional em todos os momentos difíceis da minha trajetória acadêmica, vossa presença durante esta jornada tornou tudo mais fácil e por isso, a todos vocês terei uma gratidão eterna. Este trabalho é dedicado a eles.



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente á Deus por permitir que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Aos meus pais Zélia Maria Castro da Costa e Waldecir Pereira da Silva pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações.

As minhas irmãs Michele Costa dos Santos e Stephanie Costa Silva pela amizade e atenção dedicadas quando sempre precisei.

Ao meu querido esposo Rodrigo Vieira de Moura pelo seu amor incondicional e por compreender minha dedicação ao projeto de pesquisa.

Ao meu professor orientador Pablo Benetti pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo.

A todos os meus amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

Também quero agradecer à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

***“Tudo flui” e “Nada é permanente, exceto a mudança.”  
(Heráclito de Éfeso)***

## Apresentação

não só a sua própria comunidade mas as suas adjacentes.

Logo, este trabalho propõe como solução pensar um Centro cultural que, contemple regiões do município da Rio de Janeiro onde a falta do mesmo é vigente, pautada na hipótese de que no descaso do poder pública de agenda cultural em determinadas APs de município do Rio, estas utilizam-se de recursos alternativos da comunidade para suprir tal falta, reconhecendo a sua relevância na formação do indivíduo.

A análise desenvolvida a respeito das formas da cultura nos bairros suburbanos do Rio, sobretudo em Rocha Miranda que será nosso lugar de intervenção, baseia-se na perspectiva do mundo do devir, conceito de Heráclito de Éfeso<sup>1</sup> no sentido de entender o mundo como um lugar de transformação natural inerente aos seres.

<sup>1</sup> Heráclito nasceu na cidade de Éfeso, por volta de 540 a.C., na antiga colônia grega, em Jônia na Ásia Menor, atual Turquia. O filósofo baseava-se na lei fundamental da natureza, segundo ele: "Tudo flui" e "Nada é permanente, exceto a mudança". Acreditava que, tudo o que existe está em permanente mudança ou transformação, conceito denominado "Devir" (tornar-se, do vir-a-ser), sujeitas ao "logos" (razão ou lei).

Este trabalho pretende evidenciar a discussão a respeito da democratização da cultura sobretudo em relação aos equipamentos culturais existentes no município do Rio de Janeiro. Além disso, o trabalho aponta as formas de manifestação da cultura hoje em bairros onde o suporte público não é devidamente aplicado. A análise inicia-se na investigação da distribuição dos equipamentos culturais dispostos no município do Rio a partir de suas Áreas de Planejamento (APs), no intuito de compreender como o bairro proposto (Rocha Miranda) como área de intervenção se enquadra em relação ao seu município.

Uma vez constatado que, o município do Rio de Janeiro apresenta uma má distribuição em relação a seus equipamentos culturais estando os bairros suburbanos, entre eles Rocha Miranda entre os lugares de ausência e, reconhecendo a importância da manifestação cultural para a formação de indivíduos criativos, pensantes, e com senso de responsabilidade social, comunidade, cidadania entre outros e que, para isso ter solidez é preciso haver suporte físico (e com isso quero dizer, espaço arquitetônico pensado para isso acontecer qualitativamente); reforçou-se a relevância de contribuir para este entorno propiciando um espaço de cultura no bairro que beneficiasse



Figura a. Foto de divulgação de diretor fotográfico de 23 anos que realizou o primeiro workshop de mídias digitais da Angola

Fonte: revista O dia  
Créditos: André Damião

## Índice

1. Introdução .....	9
2. Justificativa .....	24
3. Localização .....	29
4. Proposta .....	42
5. Projeto .....	48
6. O estilo arquitetônico .....	66
7. Perspectivas .....	73
8. Anexos.....	79
9. Referências .....	96

# 1. Introdução



## Praça Oito de Maio

Segundo a Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio, vinculada ao Instituto Pereira Passos, a Praça Oito de Maio, era originalmente chamada Praça das Pérolas, em razão do rio das Pedras que atravessa o bairro e existia a atividade de extração mineral.

Na década de 1930, a praça foi urbanizada pelo então prefeito Henrique Dodsworth, do Distrito Federal, antiga capital do Brasil, entre os anos de 1937 e 1945. Na ocasião, ocorreu a execução do projeto de alinhamento da rua Carolina Machado, em Madureira (DECRETO Nº 6.466). A praça apresenta em sua centralidade um obelisco, com o nome das cidades onde os ex-combatentes, moradores do bairro, lutaram bravamente, homenageando o fim da Segunda Guerra Mundial, e comemorando a visita que o presidente Craveiro Lopes, de Portugal, faria à sua irmã, moradora do bairro (BRASIL, 2000).

A Praça das Pérola foi então rebatizada com o nome de Oito de Maio, lembrando a data da capitulação da Alemanha e em comemoração à vitória e ao fim da Segunda Guerra Mundial (8 de maio de 1945). O obelisco erguido no meio da praça mede 19,80m de altura e constitui uma homenagem aos expedicionários e ao fim da batalha, apoiando braços de aço e uma estrela estilizada no alto servindo de apoio para alegorias festivas.



Na Rua dos topázios, bem próximo à praça Oito de Maio, fica o antigo Cinema, o Cine Guaraci. Ele dispunha de 1.379 poltronas, escada de mármore Carrara e colunas gregas, combinando elementos arquitetônicos de arte nouveau e arte déco. Foi projetado por Alcides Torres da Rocha Miranda (filho de Luiz da Rocha Miranda Sobrinho, o Barão de Bananal) e inaugurado em 1953. Tal acontecimento conferia ao bairro nuances de cultura, o que dava potencial e consolidava a região como bairro.

A pesar de seu grande sucesso e representatividade para sua época (década de 50/60), segundo relatos de moradores que frequentavam o cinema, ele começa a perder público em meados dos anos 70 e fecha as portas na década de 80.

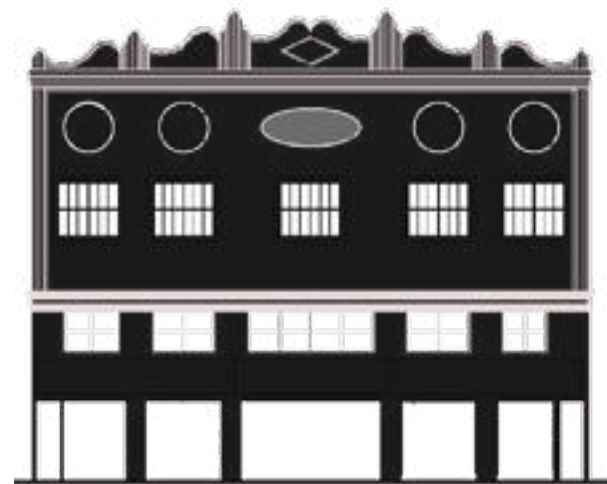
“Ex-lanterninha do Cine Guaraci e morador de longa data de Rocha Miranda, Severino Otilio, de 64 anos, lembra com carinho que foi ali que viu muitos dos filmes de Bruce Lee, com a sala de 1.300 lugares lotada.

— As filas para entrar no cinema davam voltas na calçada. É uma pena ver o Guaraci assim, deteriorado.”(2017, p.1)

Em meados de 2006, segundo uma Publicação de 2017<sup>1</sup> da “Agência O Globo - Portal do Holanda”, o Cine fora alugado para o Banco do Brasil por dois anos entretanto, a prefeitura, na gestão de César Maia, proibiu atividades de instituições financeiras no imóvel, isso porque a mesma estava descaracterizando sua arquitetura no interior; então a prefeitura optou por tombá-lo, o imóvel fora protegido pelo Decreto 26.644 de 21/06/2006 tombado pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade. Todavia, seus proprietários (uma família que é

proprietária também de uma marca de tintas no bairro e que prefere não divulgar o sobrenome) relatam estarem há muitos anos pagando IPTU sem direito de mexer em nada, e que este seria um dos motivos pelo qual o edifício se encontra hoje em completo estado de abandono.

Em 2017, a pedido de Francisco, um dos proprietários do edifício, entra com um projeto de lei para o destombamento parcial do Cine Guaraci. Agora, a Secretaria municipal de Cultura afirma que está aguardando a tramitação do projeto de lei para fazer um estudo de viabilidade.



## Cine Guaraci





A presente proposta de projeto esta pautada na criação de um Centro Cultural no bairro de Rocha Miranda, subúrbio do Rio de Janeiro. O Centro Cultural CASANOSSA, é parte de um esforço de ativação cultural, de reunião, interação e fortalecimentos de iniciativas locais que, por sua vez foram evidenciadas e consideradas neste projeto a partir de uma pesquisa de campo e mapeamento de tais iniciativas. Para isso, o projeto conta com a revitalização do antigo cinema Cine Guaraci, inaugurado em 1953 e tombado pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, e que encontra-se abandonado há mais de 20 anos. Hoje, o Cine passa por uma tramitação na Câmara Municipal que reivindica o destombamento parcial do imóvel para fins comerciais mantendo tombada somente a fachada. O Centro também pretende apropriar-se da praça Oito de maio como forma de extensão deste Centro a fim de, dar suporte as atividades culturais e, que as pessoas de comunidade e de outros lugares possam reconhecer este entorno como um polo de cultura da região se tornando uma referência de cultura do lugar, levando assim em consideração o conceito de apropriação da cidade por meio da cultural.



## Objetivos

- Ativação cultural;
- Interação, fortalecimento e interação das iniciativas culturais locais;
- Evidenciar e potencializar as manifestações culturais existentes e futuras;
- Expansão do Centro Cultural para praça Oito de Maio como suporte e visibilidade da cultura local;
- Trazer a discussão da agenda cultural na gestão do município do Rio de Janeiro.

# MAIS UM LUXUOSO CINEMA PARA OS CARIOCAS!

Inaugurado o **CINE GUARACI**, em Rocha Miranda, Rio de Janeiro — **MICRON XI-b**, o equipamento de som e projeção preferido.

No dia 10 do corrente mês, com a presença de altas autoridades, imprensa, rádio, televisão e numerosos convidados, foi festivamente inaugurado o luxuoso **CINE GUARACI** no progressista bairro de Rocha Miranda no Rio de Janeiro.

O **CINE GUARACI** pelos requintes de sua luxuosa construção e decoração é considerado o mais luxuoso Cinema dos bairros cariocas.

O conhecido construtor Arcangelo Zattera, proprietário e constru-



O luxuoso «GUARACI»...

tor do **CINE GUARACI** foi vivamente homenageado por comissões de moradores e comerciantes locais.

Após o ato inaugural foram visitadas pelos presentes, todas as dependências do luxuoso Cine, que tem capacidade para 1.600 espectadores, tendo merecido especial menção a Cabine de projeção, equipada com Super Projetores **MICRON XI-b** distribuídos no Brasil pela conceituada organização Cine Fornecedora do Rio de Janeiro.



Heráclito de Éfeso era uma filósofo pré-socrático do séc. VI a.C. Acreditava que, os entes mundanos eram constituídos por tensões opostas e o Logos (razão) “... seria a unidade nas mudanças e nas tensões, a reger todos os planos da realidade” (Motta Pessanha, 1978, p. XXX).

“Isso significa dizer que, para Heráclito, os entes estão sempre em devir: nunca prontos, fixos, permanentes. Mais do que isso, que os atributos dos entes transformam-se o tempo todo, já que são determinados pelo movimento dessas tensões opostas e da supremacia, sempre provisória, que um dos lados consegue sobre o outro. Assim, para ele, temos que afirmar que o mel é doce e amargo, claro e escuro, líquido e sólido etc., ao mesmo tempo, pois os atributos que o definem dependem da supremacia provisória e momentânea que o doce conseguiu sobre o amargo, o claro sobre o escuro e assim por diante. Por esse motivo, a identidade dos entes é sempre paradoxal, ou seja, comporta sempre e ao mesmo tempo a sua afirmação e a sua negação.” (2010, p.125)

O filósofo nos apresenta o conceito do Devir (do latim devenire, chegar) que entende, as mudanças pelas quais passam as coisas. Heráclito criou no leste da Grécia o conceito de “se tornar”, afirmava que, nada neste mundo é permanente, exceto a mudança e a transformação. E é nesse sentido que, o conceito do Devir interfere na conceituação deste projeto. Ele leva em consideração o devir como forma de transformação de mundo, de ambiência e da necessidade e/ou a capacidade que algumas comunidades tem afim de se adaptar as condições



## O conceito

e descobertas cada vez mais aceleradas do mundo.

Este projeto portanto, leva toma como partido o Centro Cultural como um espaço aberto a transformações, e que se adapta a mudanças, considera que nada é estático, salvo a mudança certa. Para dar conta de tal conceito, acredita-se que, a revitalização do antigo cinema não seria suficiente; para que haja mais possibilidades de adaptação a demandas presentes e futuras, foi considerada também a praça Oito de Maio como parte deste Centro Cultural.

O nome de Centro não surge de forma gratuita; CASANOSSA é um nome que pretende qualificar o Centro Cultural como um lugar que acolhe as pessoas da comunidade e suas demandas criando uma relação de afetividade com o lugar. Logo, se o antigo cine é a CASANOSSA, a praça se torna o quintal dessa casa.



CASA



+ QUINTAL



= CASANOSSA

## Metodologia de pesquisa

Este trabalho tem como partido construir um programa baseado na pesquisa feita in loco; a pesquisa tem como objetivo compreender a dinâmica das manifestações culturais existentes na região. Como metodologia de pesquisa foram usados entrevistas online, entrevistas presenciais e boca a boca.

**Boca a boca**- ao entrar em contato com um dos movimentos que existiu na região me abriu a descoberta para os demais movimentos da região. Os projetos encontrados de mais relevância foram:

- **Bonde Da Cultura (Rocha Miranda)**
- **Phábrik (Coelho Neto)**
- **Filhos De Angola (Coelho Neto)**
- **Girassol Comunicações (Rocha Miranda )**
- **Coletivo Honório Gurgel (Honório Gurgel)**
- **Projeto Transforme (Rocha Miranda)**

**Questionário online e entrevistas**- A partir de tais ferramentas pude chegar a uma ideia de como as iniciativas da região se organizam:

1. **Geralmente há um líder que organiza e tenta manter a iniciativa, este é a cara da iniciativa conhecido como ativista de bairro<sup>1</sup>;**
2. **A justificativa para a iniciativa em geral é para suprir a ausência de espaços culturais na região, e impactar na ampliação do capital cultural da**

<sup>1</sup> Em uma das entrevistas feita com moradores que estão envolvidas com iniciativas culturais em Rocha Miranda, o entrevistado utilizou o termo “ativista de bairro” e definiu o mesmo como pessoas do bairro que lutam para construir, manter e divulgar a cultura local.

**população local;**

3. **Na maior para dos casos os movimentos acontecem em lugares cedidos seja por instituições públicas ou privadas;**
4. **Em sua maioria se mantem por doações e trabalho voluntário;**
5. **As atividades variam em aulas ligadas a artes cênicas, esportes de contato e acesso a informação;**
6. **Suas estratégias de divulgação variam entre redes sociais e boca a boca;**
7. **Em geral costumam atender pessoas de bairros adjacentes por conta da ausência de iniciativas como estas na região.**



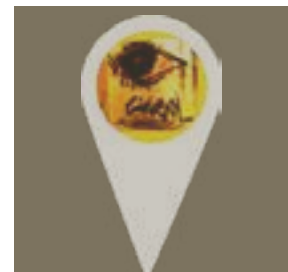


## Iniciativas locais analisadas



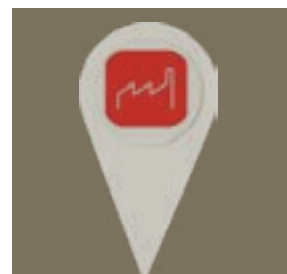
### Bonde da Cultura (centro cultural)

- **Responsável:** Júlio Lacerda (Julião)
- **Ano de início:** 2012
- **Atividades:** rap, debates, biblioteca, artesanato, dança, capoeira, festas típicas, pré vestibular, entre outros.
- **Bairro:** Rocha Miranda



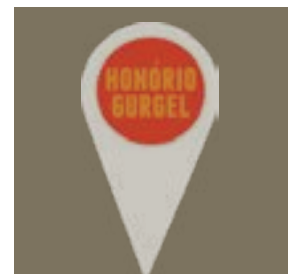
### Girassol Comunicações (rádio comunitária)

- **Responsável:** Marlon Gangazumba
- **Ano de início:** 2012
- **Atividades:** produção de uma rádio no morro do Jorge Turco.
- **Bairro:** Rocha Miranda
- **Atualmente:** inativo



### Centro Cultural Phábrika

- **Responsável:** Mauro Barros
- **Ano de início:** 2016
- **Atividades:** Oficinas artísticas, eventos, peças teatrais, feiras e exposições de arte
- **Bairro:** Coelho Neto/Conj. Res. Fazenda Botafogo
- **Atualmente:** ativo



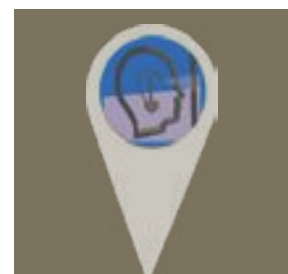
### Honório Gurgel Coletivo

- **Responsável:** Vitor Hugo
- **Ano de início:** 2013
- **Atividades:** revitalização de espaços, saraus, cineclubes ao ar livre, galeria de grafite, etc
- **Bairro:** Honório Gurgel
- **Atualmente:** inativo



### Filhos de Angola (grupo de capoeira)

- **Responsável:** Marlon Gangazumba
- **Ano de início:** 2012
- **Atividades:** Capoeira e História da Diáspora Africana no Brasil.
- **Bairro:** Coelho Neto
- **Atualmente:** ativo



### Projeto transforme (instituição beneficente)

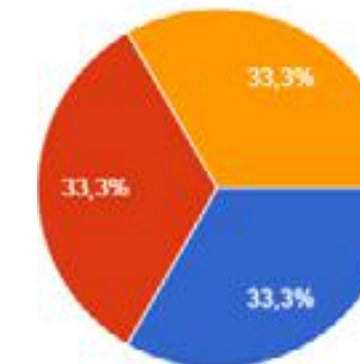
- **Responsável:** Rodolfo Rocha
- **Ano de início:** 2012
- **Atividades:** atendimentos, encaminhamentos, acompanhamentos e proteção judicial.
- **Bairro:** Rocha Miranda
- **Atualmente:** ativo



## Gráficos da pesquisa



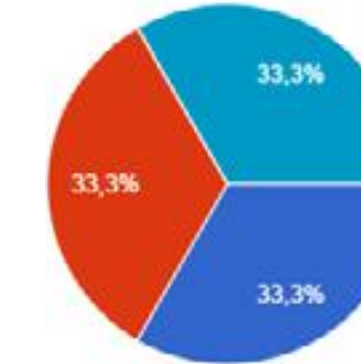
### Em que lugar físico acontece?



- Espaço de alguma instituição pública cedida
- Espaço em local privado cedido
- Local privado mantido financeiramente pela iniciativa ou por seu idealizador



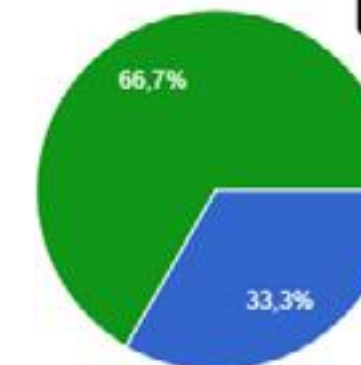
### Qual é a estratégia de divulgação?



- Boca a boca
- Redes sociais
- Bater de porta em porta
- Parceria com outras instituições
- Não há divulgação
- Redes sociais e boca a boca



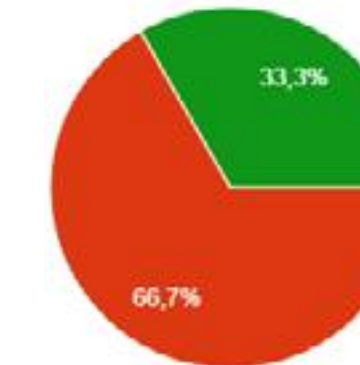
### Como a iniciativa se sustenta?



- Doações
- Editais públicos
- Patrocínio de empresas privadas
- Trabalho voluntário



### De onde costumam ser os participantes?



- Somente do bairro onde acontece a atividade
- De outros bairros além do que acontece a atividade
- As pessoas vem somente de outros bairros
- do bairro e de bairros de todas as regiões da cidade.



## A proposta a partir dos resultados

A análise levou em consideração a forma de organização das iniciativas citadas neste trabalho. Parte de tal análise as informações que serão consideradas como norteadoras da construção de um programa para o centro cultural CasaNossa assim como o seu recorte de interesse. Essas são:

1. As iniciativas partem do incômodo com a falta de programas culturais na região e atividades para jovens de qualidade em geral;

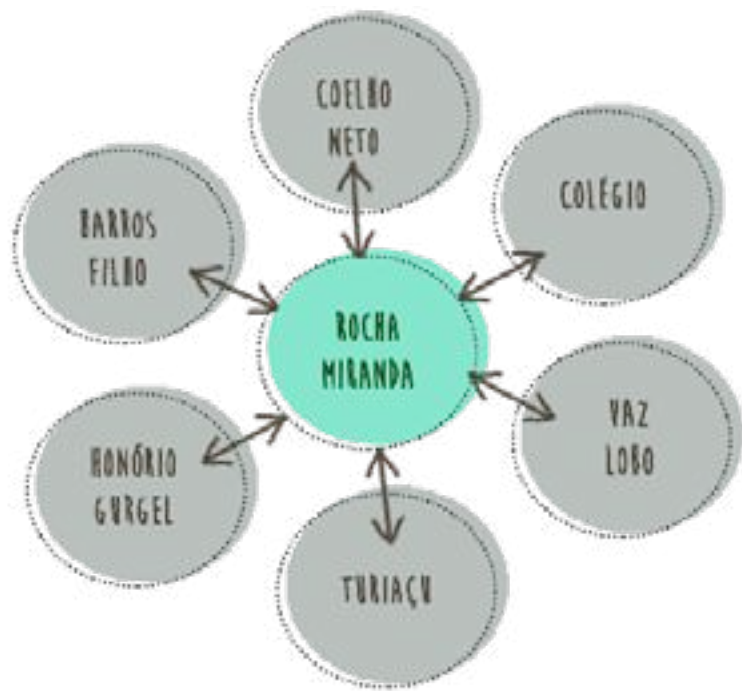
2. As atividades geralmente acontecem em lugares cedidos e por isso nem sempre são garantidos e apropriados para as atividades que oferecem;

3. O bairro de Rocha Miranda e de suas proximidades são relativamente próximos e tem a mesma característica de ausência em relação a programas culturais, por isso, é comum que as iniciativas existentes acolhem pessoas de outros bairros;

4. Em geral, as iniciativas tem o comando de sua idealizador, estes tem uma postura de “ativista de bairro” sempre motivados para que a iniciativa sobreviva as dificuldades;

5. Em praticamente todos os casos, as iniciativas sobrevivem de doações e trabalho voluntário. Ao meu ver, a pesar de tal atitude demonstrar o desejo dos moradores locais ou não em suprir esta necessidade, na prática isso acaba depois de um tempo levando a iniciativa ao fracasso, uma vez que o trabalho em um centro cultural requer dedicação e horas de trabalho e, se tal trabalho não pode sustentar o voluntariado ele acaba tendo que se comprometer o um trabalho remunerado e dá prioridade ao mesmo. Acredito então, que falta o conhecimento em gestão de projeto e de como resolver questões como essa para que haja iniciativas consolidadas na região.

Baseado na pesquisa de campo, e nos locais que se inserem as iniciativas culturais encontradas na pesquisa (figura p), o recorte de interesse vai além do bairro de Rocha Miranda (bairro onde o Centro Cultural CasaNossa vai se instaurar). A pesquisa revela uma interação entre os bairros adjacentes e o projeto prevê tal interação considerando a conexão e contribuindo para que ela aconteça.



## Área de Interesse: recorte

O recorte (figura q) tem como centralidade o bairro de Rocha Miranda, mas considera como bairros de interesse juntamente os bairros de: Barros Filho, Coelho Neto, Colégio, Honório Gurgel, Turiaçu e Vaz Lobo.

## Área de Interesse: iniciativas da região

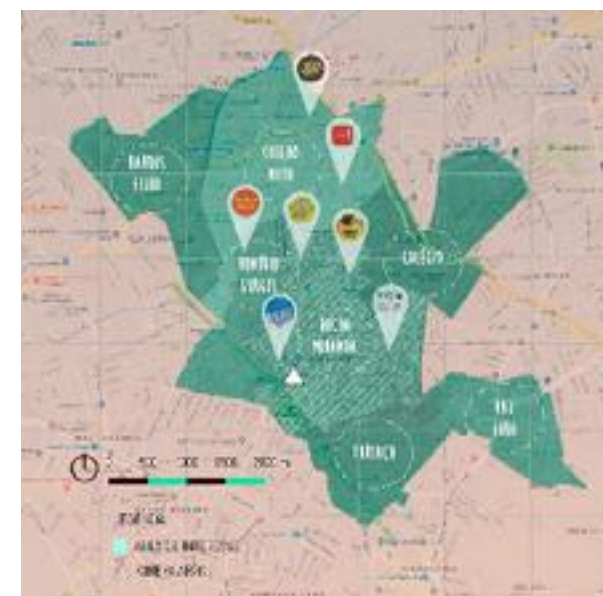


Figura c. Mapa de localização de iniciativas da região Fonte: Google Satélite

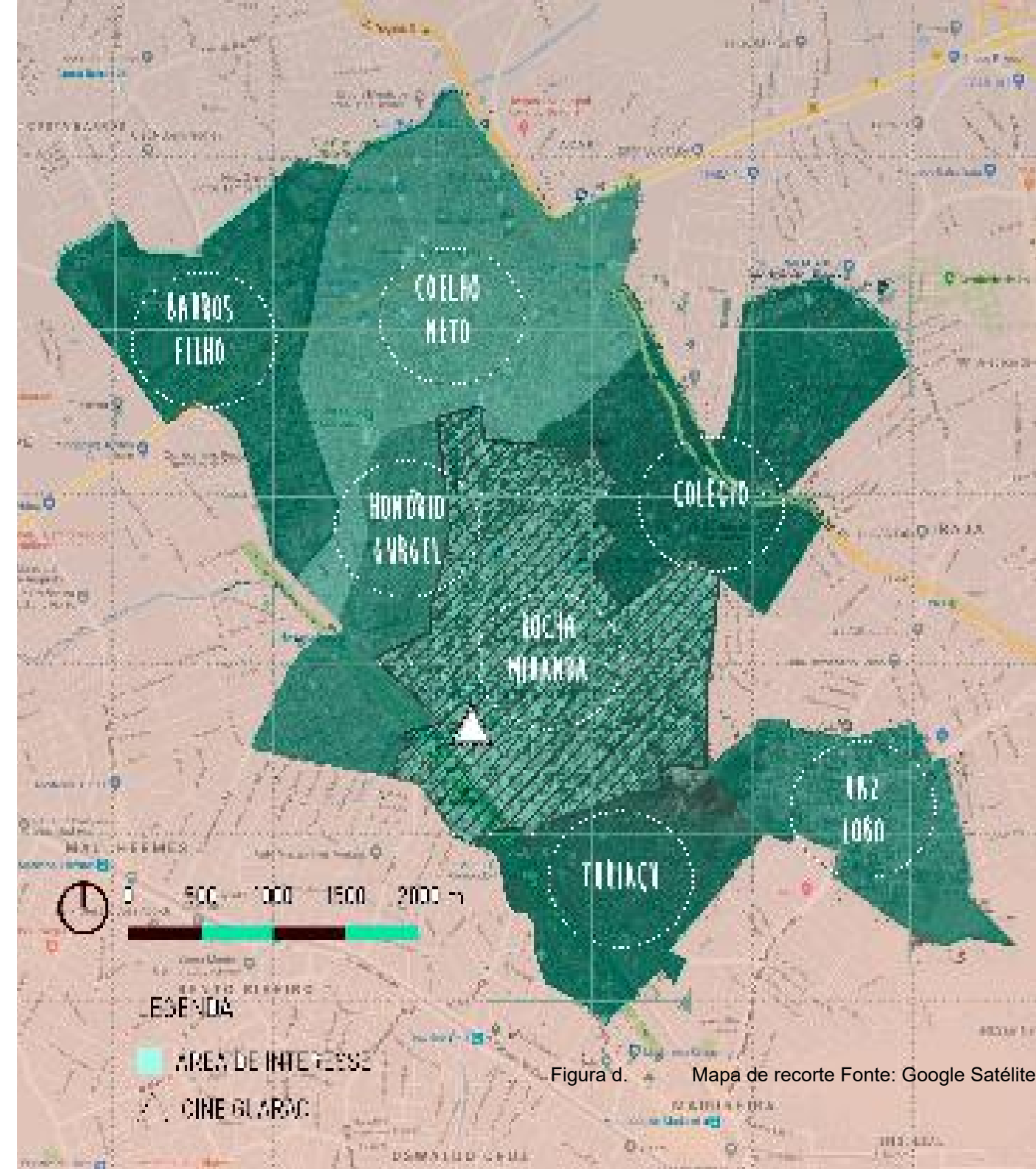
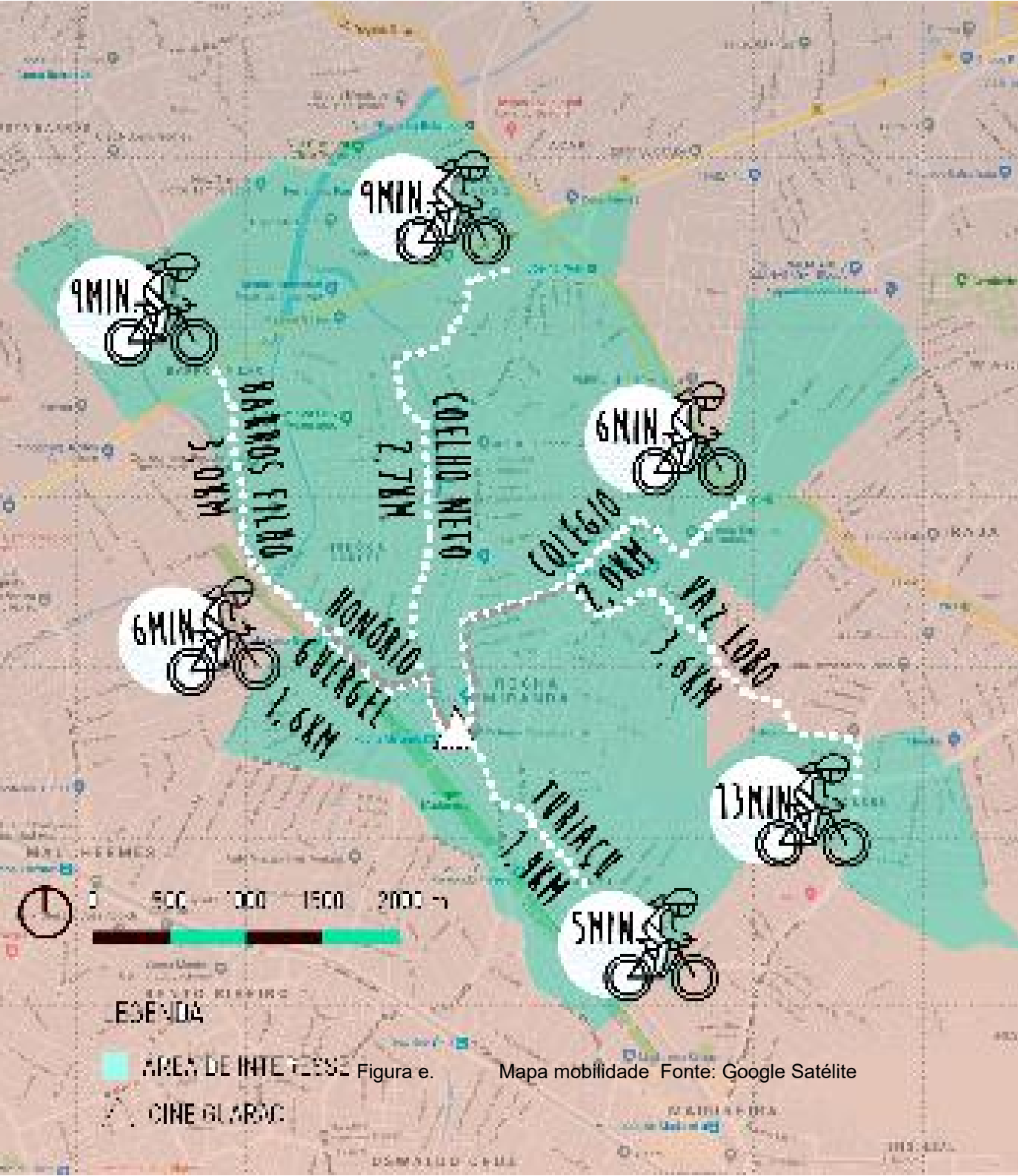
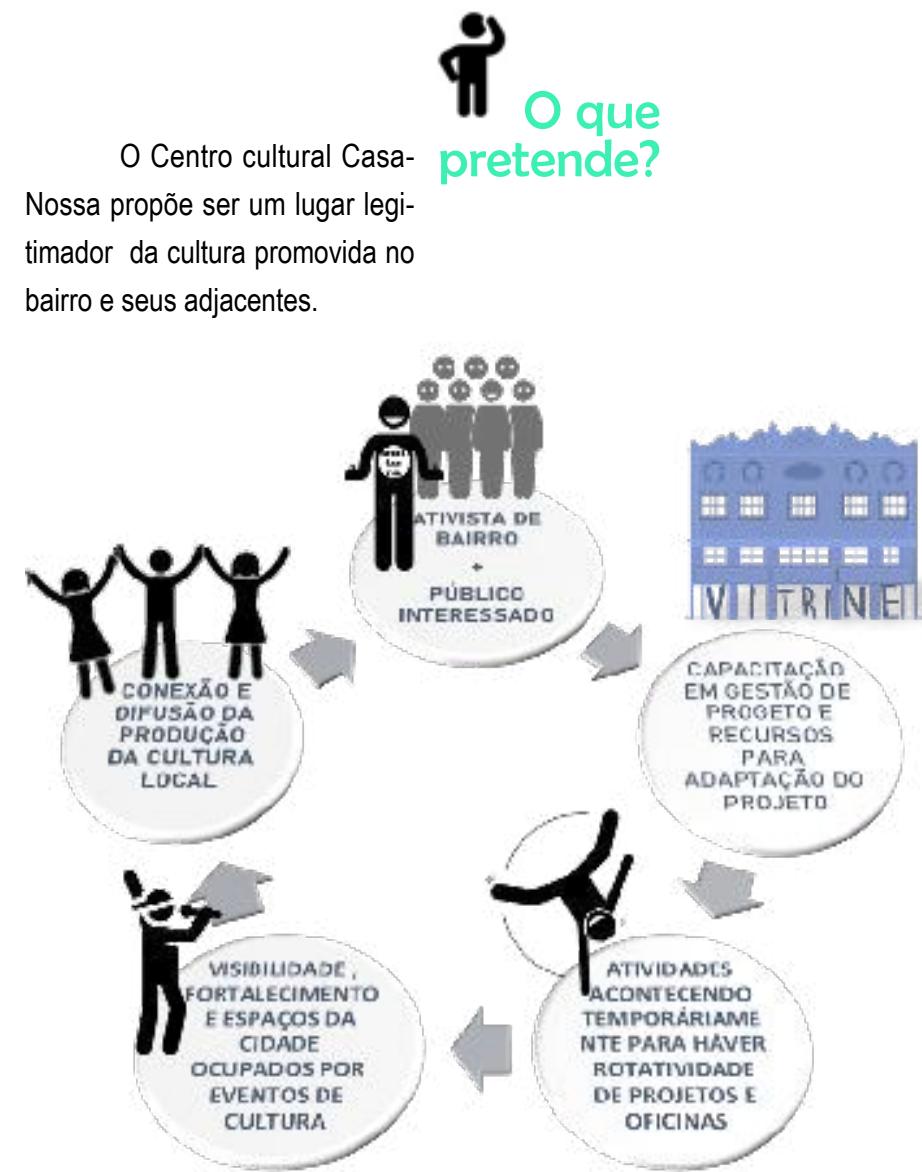


Figura d. Mapa de recorte Fonte: Google Satélite



## A proposta de mobilidade

A mobilidade é considerado para este projeto um fator fundamental para o seu sucesso. Mesmo que, os bairros adjacentes ao bairro central (Rocha Miranda) ainda sim, como em outros exemplos detectados na pesquisa de campo, essa é uma questão que interfere na presença e/ou oportunidade de aproveitar as iniciativas e suas atividades plenamente. Pensando nisso, o projeto propõe um subproduto que é, a conexão desses bairros a partir de ciclovias e caminhos com conforto ambiental, iluminação, pavimentação, etc objetivando um percurso de qualidade e com maior sensação de segurança.



## Proposta de trabalho: CASANOSSA

**O que pretende?**

O Centro cultural Casa-Nossa propõe ser um lugar legitimador da cultura promovida no bairro e seus adjacentes.

**Como?** O centro Cultural CasaNossa tem uma proposta de programa de atividades constituído na, capacitação dos “ativistas de bairro” que tenham interesse em criar e/ou já tenham iniciativas acontecendo no local. Tal capacitação incluirá um curso de Gestão em projeto, aulas práticas de confecção de mobiliário e/ou ferramentas do apoio com baixo custo e além disso, encontros entre os demais ativistas da região para discutir sobre as suas experiências e objetivos para o local. Para quem já comanda algum tipo de iniciativa na região, o CasaNossa propõe uma estadia temporária de sua iniciativa no Centro Cultural. Acredito que tal estadia temporaria trará para a iniciativa uma experimentação para pessoas que vão usufruir dela, além de trazer para a iniciativa aprimoramento e divulgação da atividade oferecida. A idéia de haver tempo limitado da iniciativa no Centro Cultural esta pautada no interesse de existir uma rotatividade nas atividades oferecidas dando a oportunidade de todas as iniciativas terem um espaço de visibilidade e das pessoas que participam das oficinas terem variedade nas ofertas.



## 2. justificativa

Primeiramente saudações aos leitores deste trabalho e o meu profundo agradecimento pela dedicação de seu tempo ao mesmo.

A infância desta que vos fala, se passou no bairro de Rocha Miranda, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Foi ali que aprendi a dar os primeiros passos ao completar o primeiro ano de vida, também foi o ponto de partida para entender a cidade e sua dinâmica urbana, sobretudo em relação a mobilidade.

Ao longo desta vivência, fui entendendo que os bairros suburbanos no Rio em geral, a pesar de toda a sua vitalidade, lidam com a auxesia de equipamentos públicos fundamentais para a garantia da democratização da cultura segundo a Constituição da República Federativa do Brasil<sup>1</sup>.

Isso foi percebido ao passo que, para vivenciar manifestações artísticas como por exemplo peças de teatro e exposições, era preciso um deslocamento de pelo menos duas horas partindo do meu endereço residencial.

Juntamente a tal indignação, me via questionando o fato de que em meu próprio bairro, a sua história enquanto bairro na formação da cidade era de fato negligenciada. Pude constatar tal negligenciamento ao presenciar desde minha consciência de memória até o presente momento, um objeto arquitetônico que ajuda a contar a história da formação da região, inserido na área central do bairro em completo abandono. Este objeto arquitetônica aqui

<sup>1</sup> Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

## Ponto de partida

citado é o antigo Cine Guaraci<sup>2</sup>

Tais fatores, citados anteriormente formam determinantes ao despertar do interesse em trabalhar nesse projeto com a agenda da cultura, sobretudo no bairro de Rocha Miranda, visando assim contribuir com o lugar evidenciando sua problemática em relação ao tema cultura e apresentando um modelo de solução partido além da análise profissional de uma futura arquiteta, de uma moradora e incentivadora do desenvolvimento positivo do bairro.

<sup>2</sup> O Cine Guaraci foi uma sala de cinema em Rocha Miranda, Rio de Janeiro.

A sala foi projetada pelo arquiteto Alcides Rocha Miranda que, empresta seu nome ao bairro. Sua família promoveu o loteamento do local no início do século XX. O edifício data da década de 1950, entretanto sua inauguração ocorreu em 1954.



## Questões a investigar



Como pensar a cidade como espaço múltiplo de cultura com diferentes estratégias de manifestação?

Como pensar o acesso a equipamentos culturais e sua distribuição no município do Rio de Janeiro?

Que relação tais aspectos teriam com o fator sócio econômico sobretudo, com a atual situação da metrópole?

## Panorama da Cultura no município do Rio de Janeiro

Na elaboração desta análise, foram usados como base, o artigo “**Espaço, lazer e política: desigualdades na distribuição de equipamentos culturais na cidade do rio de janeiro**”<sup>2</sup> publicado em 2004 pelo Prof. Dr. Victor Andrade de Melo<sup>1</sup> e pelo Prof. Ms. Fábio de Faria Peres<sup>2</sup> e o documento que divulga “**A gestão da cultura carioca 2013/2016**” publicado em 2016 pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.<sup>3</sup>

Na pauta do acesso aos equipamentos e bens da cidade, sobretudo os culturais: a análise considera aspectos como, a existência do objeto, a acessibilidade do valor cobrado e de gastos adicionais e o aspecto relacionado à formação/predisposição, ou seja, se há mediação, que possibilite a compreensão dos significados das diversas manifestações culturais.

Num parâmetro nacional, o Rio de Janeiro é uma cidade privilegiada em relação ao quantitativo e variação de equipamentos culturais. Ele está dentro os 0,4% dos municípios brasileiros que possuem mais de cinco museus, dispõe de mais de 40 cinemas (com cerca de 147 salas) e mais de 100 teatros segundo o

<sup>1</sup> Coordenador do Grupo de Pesquisa Lazer e Minorias Sociais/Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Pós-Doutorado em Estudos Culturais (PACC/UFRJ); Doutor em Educação Física e Cultura (UGF)<sup>1</sup>

<sup>2</sup> Coordenador do Grupo de Pesquisa Lazer e Minorias Sociais Universidade Federal do Rio de Janeiro; Mestre em Saúde Pública (ENSP/Fiocruz)

<sup>3</sup> Expediente: Prefeito: Eduardo Paes; Secretário Municipal de Cultura: Junior Perim; Secretário Municipal de Cultura: Sérgio Sá Leitão - 2012-2015; Secretário Municipal de Cultura: Marcelo Calero 2015-2016

artigo dos Prof. Vitor Melo e Fábio Peres (censo 2000). Logo, num olhar inicial é possível perceber as desigualdade na distribuição de tais bens pelo espaço da cidade.

Segundo o relatório da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro<sup>3</sup> (censo 2010), o município conta com 57 equipamentos culturais municipais. Espalhada nas 5 Áreas de Planejamento da cidade, dispendo de 4 museus, 12 teatros, 15 centros culturais, 7 lonas, 3 areninhas, 4 arenas e 13 bibliotecas.

Segundo o relatório. A gestão 2013/2016 investiu no incremento da programação dos espaços, com Convocatória de Ações Culturais e incentivo de projetos contemplados no Programa de Fomento pelas lonas e arenas cariocas (situadas nas Zonas Norte e Oeste da cidade).

O plano estratégico da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro apresenta no relatório de 2016<sup>2</sup> dentre suas metas a:

- 01. Territorialização do fomento à cultura:** Fomentar realizadores culturais atuantes em subúrbios e periferias, iniciativas com perfil comunitário e ações com impacto territorial positivo, com enfoque nas Zonas Norte e Oeste.
- **Meta:** Triplicar o número de ações com impacto territorial apoiadas garantindo que, em 2020, a totalidade dos bairros da Cidade tenha sido contemplada com fomento, programação, formação ou bases de produção cultural e artística.
- 02. Recultura:** Revitalização da rede de equipamentos culturais.
- **Meta:** Ter 50% dos equipamentos culturais municipais qualificados segundo parâmetros de excelência em programação, acessibilidade, diversidade e tecnologia até 2020.

Contudo, podemos perceber que, as metas para cultura até 2020 nem se aproximaram de seu cumprimento. Isso pode estar relacionado com a crise econômica<sup>4</sup> que ronda o país desde 2014<sup>4</sup>. Entretanto, acredito que, num momento de crise inflacionária nacional a cidade do Rio de Janeiro como símbolo de cidade turística e de grande potencial cultural, deveria como estratégia garantir a agenda cultural para incentivo ao investimento na cidade, gerar e manter empregos, o auxiliar na formação de indivíduos capazes de tomar decisões favoráveis para a gestão da cidade.



Figura f. Gráfico investimentos em cultura

<sup>4</sup> A conjuntura econômica e social do Brasil e do Estado do Rio de Janeiro passa por uma crise fiscal, com forte deterioração das condições do mercado de trabalho a partir de 2014. Diante disso, a análise conjuntural justifica o cenário recente. A perspectiva para 2019 é de recuperação da atividade econômica, o que já se configura, lentamente, desde 2017. Para tanto, foram utilizados indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios trimestral (Pnad-C tri), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), ambos dados administrativos do Ministério do Trabalho, além de informações extraídas do Relatório de Mercado Focus, publicado pelo Banco Central do Brasil (BCB).

AP 1	AP 2	AP 3	AP 4	AP 5
Arenas: 1	Arenas: 0	Arenas: 2	Arenas: 0	Arenas: 1
Bibliotecas: 2	Bibliotecas: 1	Bibliotecas: 4	Bibliotecas: 1	Bibliotecas: 2
Centros Culturais: 0	Centros Culturais: 4	Centros Culturais: 2	Centros Culturais: 1	Centros Culturais: 0
Cines Cariocas: 0	Cines Cariocas: 0	Cines Cariocas: 2	Cines Cariocas: 0	Cines Cariocas: 0
Louças e Areninhas: 4	Louças e Areninhas: 0	Louças e Areninhas: 4	Louças e Areninhas: 1	Louças e Areninhas: 4
Museus: 1	Museus: 1	Museus: 0	Museus: 1	Museus: 1
Planetário: 0	Planetário: 1	Planetário: 0	Planetário: 0	Planetário: 1
Teatros: 3	Teatros: 8	Teatros: 1	Teatros: 0	Teatros: 0

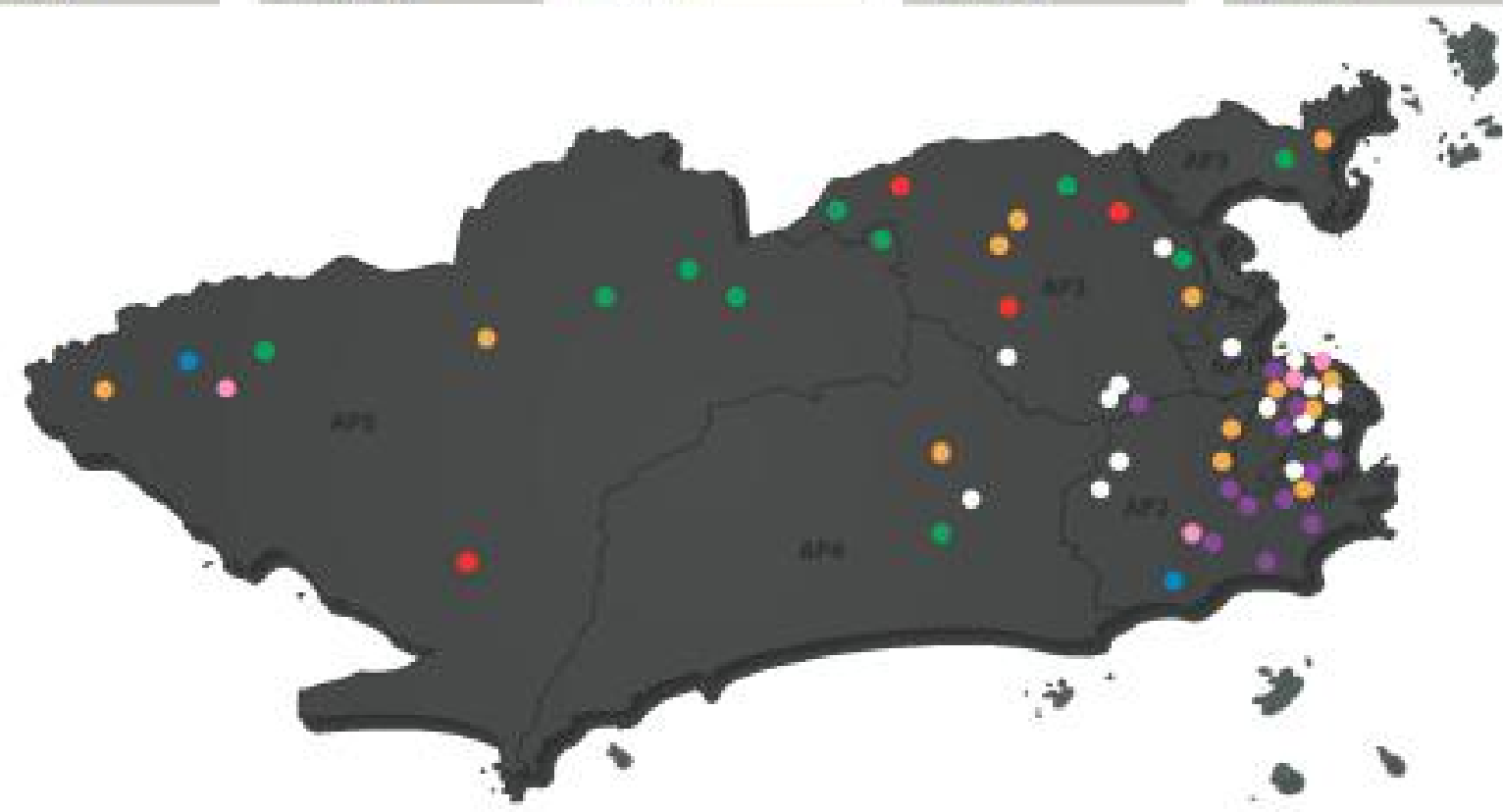


Figura g. Mapa de distribuição dos eq. Culturais no município do Rio de Janeiro. Fonte: Relatório da Secretaria do Cultura do Rio de Janeiro 2016.

## 3. Localização





## Área de intervenção: o bairro

Rocha Miranda tem uma população de 44.188 habitantes (censo 2010), e tem um IDH de 0,815 (censo 2000). É considerado de classe média e média baixa. Localiza-se na Zona Norte do Município do Rio de Janeiro na Área de Planejamento 3, Brasil.

Segundo o Sr. Joselino Cavalcante Porto, um dos fundadores do Núcleo Ecológico Pedras Preciosas (NEPP), o bairro era conhecido nos tempos do garimpo no rio das pedras (rio que cruza a região) como, “o bairro das pedras preciosas”, inspirando os nomes de suas ruas, tais como as ruas dos Diamantes, Topázios, Ametistas, Rubis e outras.

A vizinhança é majoritariamente residencial e tem como referência de região central do bairro a praça Oito de Maio.

O bairro abriga a estação de trem da linha auxiliar inaugurada em 1905, nomeada de “Estação do Sapê”<sup>5</sup> e mais tarde rebatizada como Estação de Rocha Miranda, em homenagem à família que promoveu o loteamento da região, no início do século 20.

Na Rua dos Topázios, próximo à praça, temos o antigo Cine Guaraci, projetado por Alcides Torres da Rocha Miranda (filho de Luiz da Rocha Miranda Sobrinho, o Barão de Bananal), inaugurado em 1953.



Figura h. Mapa que demarca o bairro de Rocha Miranda. Fonte: Google Satél

### LEGENDA

■ ÁREA DE INTERESSE

▨ ROCHA MIRANDA



0

1000

2000

3000

## Área de intervenção: Levantamento do entorno

Área aproximada do entorno: 2.800 m<sup>2</sup>



Figura i. Cadastral atualizada em levantamento *in loco* (2019)

## Área de intervenção: Levantamento dos modais



Figura j. Estudo dos modais da área de intervenção Fonte: diagnóstico particular



## Área de intervenção: Levantamento dos usos



Figura k. Diagrama de usos, levantamento *in loco* (2019) Fonte: diagnóstico particular

Este estudo nos aponta que, o entorno da área de intervenção é majoritariamente de uso comercial. Esta característica positivava a região para o projeto no sentido de que, ele atuará em uma área de visibilidade e movimentada do bairro.

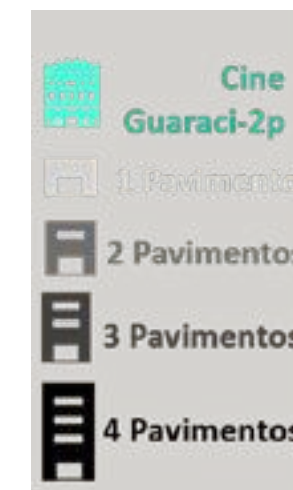


## Área de intervenção: Levantamento dos gabaritos



Figura l. Diagrama de gabaritos Fontes: diagnóstico particular

O entorno apresentam um gabarito regular variando de um a quatro pavimentos e atingindo uma altura máxima de 18 metros o que é a altura máxima permitida pela legislação da área.



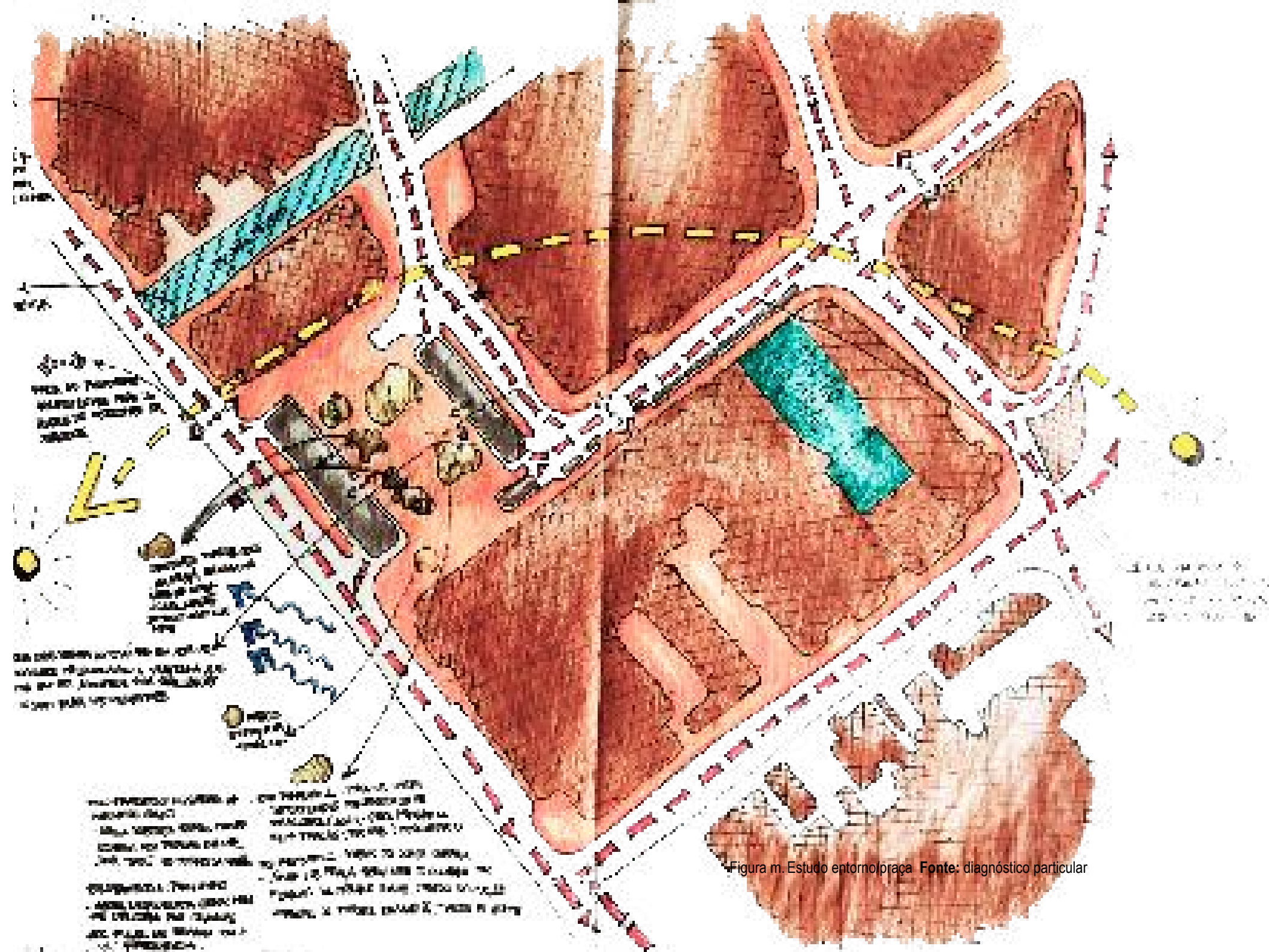


Figura m. Estudo entorno praça Fonte: diagnóstico particular

## Área de intervenção: Diagnóstico

A análise ilustrada ao lado (Figura j) confere ao estudo de diversos aspectos do entorno a ser trabalhado. Dentre eles é importante destacar:

**Automóveis e pessoas-** o percurso disposto para o caminho do carro entre a praça é positivo no sentido de que o mesmo permite que, a praça tenha um grande largo sem atravessamento de automóveis. No entanto, como seu entorno tem um caráter comercial o fluxo das pessoas é intenso e as faixas de pedestre não atendem a travessia no trecho central da praça, ocasionando a travessia de pessoas sem sinalização. Outro fator notável na relação entre carros e pedestres é que, a rua dos Topázios, onde os carros chegam tem aproximadamente 10 metros de largura evidenciando uma priorização de veículos que não favorece o caráter do lugar e mais, estimula assim um fluxo de veículos maior que o necessário para o entorno.

**Edificações-** apresentam um gabarito regular variando de um a quatro pavimentos<sup>1</sup> e atingindo uma altura máxima de 18 metros o que é a altura máxima permitida pela legislação da área. Os usos de tais ocupações variam entre residencial, misto e comercial, sendo majoritariamente de uso misto com funcionamento comercial no primeiro pavimento e residencial nos demais andares.

Essa característica é um ponto positivo para o projeto no sentido que o mesmo estará inserido num local considerado o “coração” do bairro, onde a

visibilidade e acesso são aspectos qualitativos.

**Equipamentos-** a praça tem como equipamentos principais: 1. Uma área coberta com mesas para jogos, sua ocupação tem um público geralmente da melhor idade nos turnos da manhã, tarde e noite. 2. Um parquinho com balanços, escorregador e bancos. Seu público são crianças em geral do turno da tarde. 3. Uma academia da melhor idade geralmente ocupada no turno da tarde. 4. E um equipamento mais recente que seria uma pista de skate patrocinada pelo programa RIO+PRAÇAS, os responsáveis pela obra é a RIOURB.

A pesar de os equipamentos em relação ao uso das pessoas terem sucesso, acredito que a releitura de seu layout e disposição no espaço trariam maior qualidade a praça em termos de fluxos e aproveitamento do lugar além de é favorecer o projeto que estamos propondo para a região.

**Arborização-** o entorno é provido de um quantitativo considerável de árvores, entretanto elas estão dispostas em volta da praça apresentando um vazio de vegetação no centro da praça e portanto uma quantidade excessiva de radiação solar neste centro.

Acredito que, um complemento na distribuição dessas árvores trariam para a região uma qualidade em termos de conforto ambiental beneficiando permanências e atividades que aconteçam no período da manhã e da tarde.

<sup>1</sup> O edifício de intervenção, o Cine Guaraci, a pesar de ter apenas dois pavimentos, ambos apresentam pé direito duplo chegando assim a aproximadamente 18 metros de altura, gabarito máximo permitido pela legislação daquela área.

Área do Cine: 1.900 m<sup>2</sup>  
 Andares: 2  
 Altura do edifício: 18m

### Área de intervenção: Cine Guaraci- Levantamento

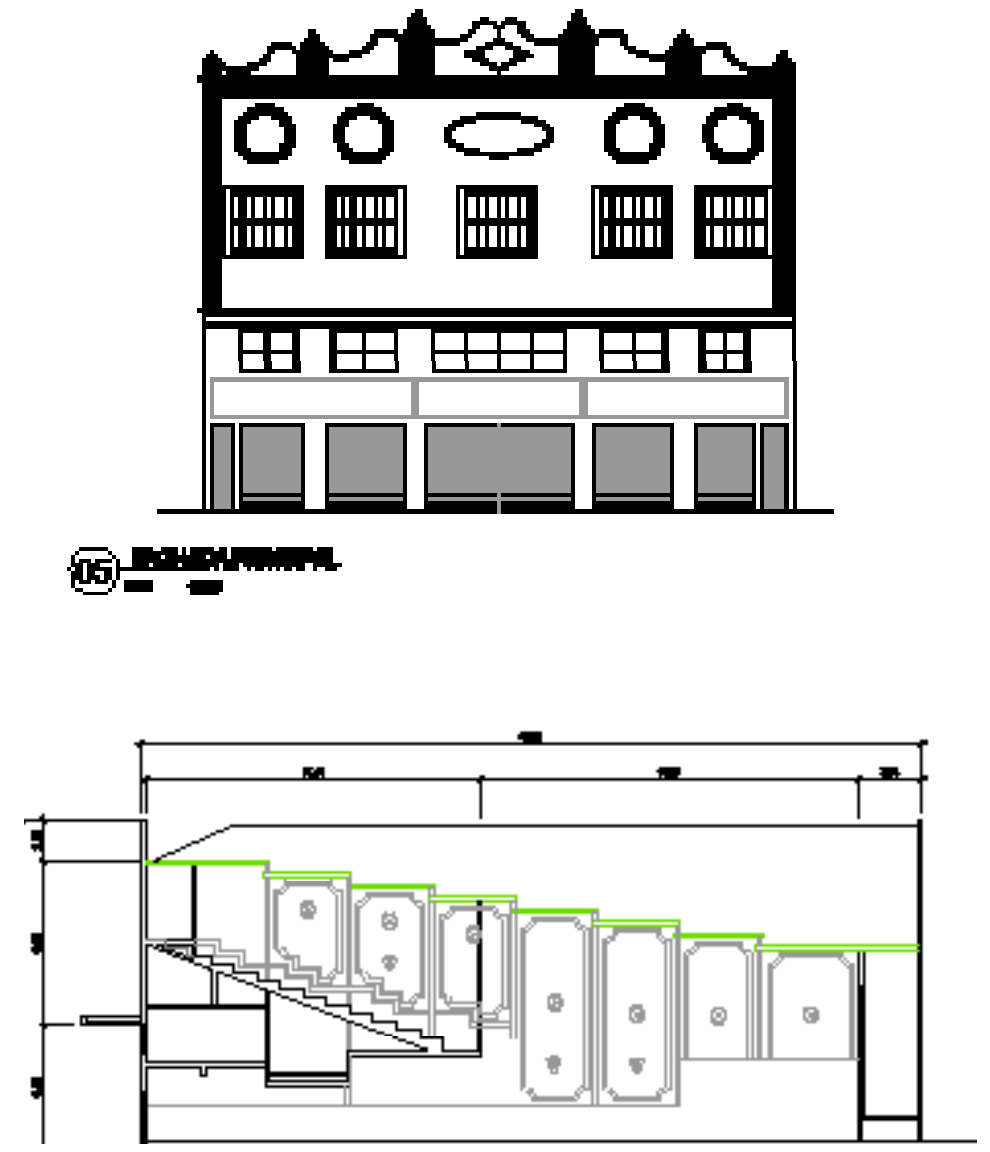
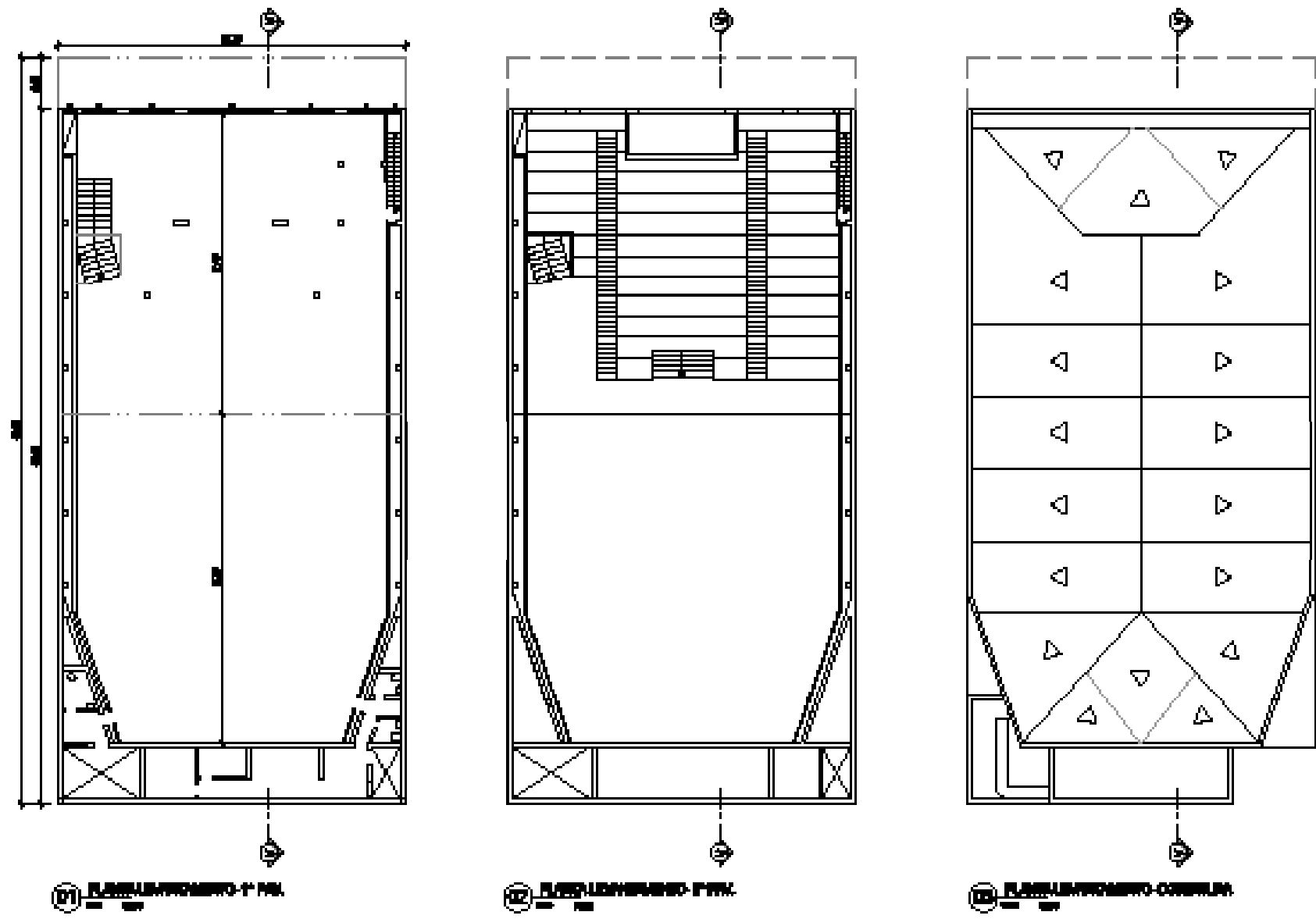
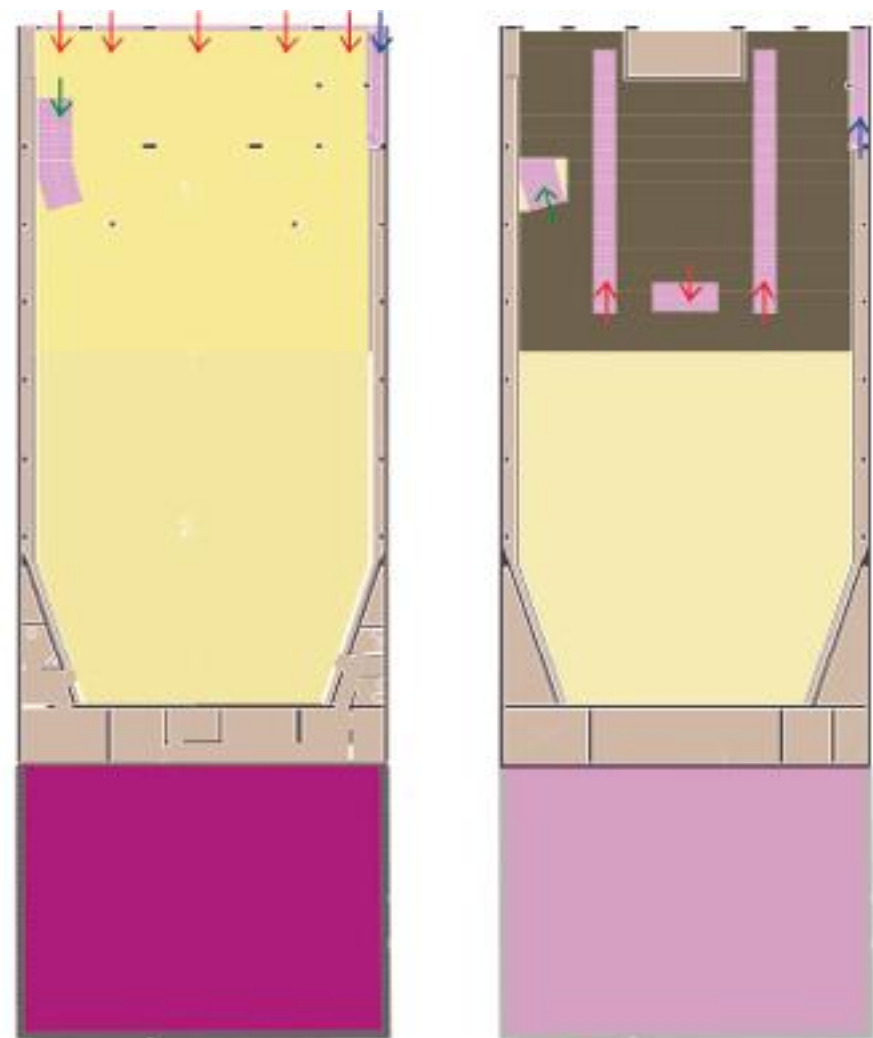


Figura n. Cine Guaraci hoje Fonte: acervo particular



## Área de intervenção: Cine Guaraci- Levantamento

O presente levantamento, evidencia um zoneamento do antigo cinema que se mostra rígido em relação ao seu sistema construtivo no sentido da simetria e disposição das áreas. Esta é uma característica da maneira da construir de sua época (anos 1950). Entretanto, durante o levantamento e o estudo de um possível programa para sua nova funcionalidade como centro cultural a pesar de sua rigidez na forma não impedir uma nova disposição a fim de um diferente uso, a sua área não comportaria todas as atividades detectadas como necessárias para a região plenamente. Por isso, já no levantamento, é apontado um complemento desta área para maior eficiência do programa que chamo de anexo.



- CIRC. HORIZONTAL PAVIMENTO TÉRREO
- CIRC. HORIZONTAL 1º PAVIMENTO
- ANEXO SERVIÇO
- CIRC. VERTICAL
- COBERTURA

Figura o. Zoneamento Cine Guaraci Fonte: Diagnóstico particular

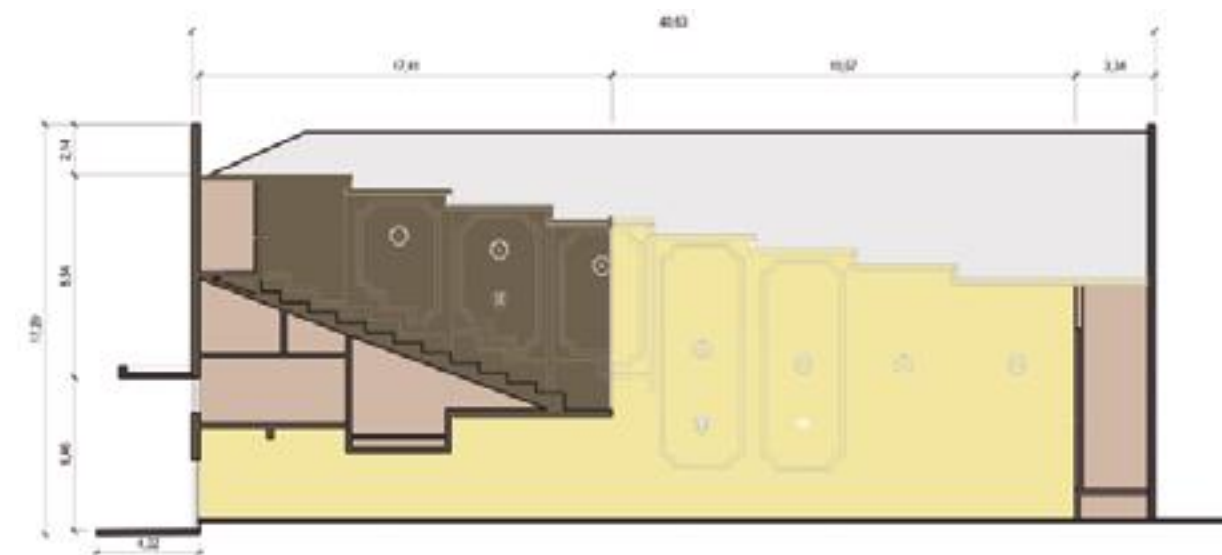


Figura p. Zoneamento Cine Guaraci em corte Fonte: Diagnóstico particular



Figura q. Cine Guaraci hoje1 Fonte: foto in loco



Figura r. Cine Guaraci hoje2 Fonte: foto in loco

## Área de intervenção: Cine Guaraci- Hoje

As figuras “n” e “o” ilustram a situação do antigo cinema hoje. Consta-se que, o edifício se encontra em estado de abandono, sua estrutura ainda resiste ao tempo, entretanto o local que hoje apresenta um acúmulo de lixo e entulho. O único elemento arquitetônico anda preservado por conta de seu tombamento que impediu a degradação total são as sancas do teto.

# 4. Proposta



## ÁREA DE TRANSIÇÃO

Abrigo  
Espera  
Divulgação das atividades

## ÁTRIO

Ponto de encontro  
Espera  
Acessos  
Sanitários  
Compra de ingressos  
Apoio Comercial

## SALA ADMINISTRATIVA

Equipe de gestão  
Recursos Humanos

## SALA MULTIUSO

Adaptável a diversas atividades: teatro, dança, show musical, reuniões, ensaios, etc

## ÁREA DE APOIO

Camarim  
Equipamento de som e vídeo embutidos  
Equipamentos Ar condicionado embutidos

## ANEXO

Biblioteca/brinquedoteca  
Sala de apoio a pré-vestibular comunitário  
Atelier (confeção de mobiliário e materiais)  
Salas comercializadas (gerador de renda para o prédio)  
Vestiário para funcionários  
Depósito

## TERRAÇO

Salas para Oficinas culturais  
Horta comunitária  
Pequenos eventos  
Área técnica

## A proposta de programa: o que acontece

### QUINTAL (PRAÇA)

Cineclube ao ar livre  
Apresentações cênicas  
Batalha de rap e de poesia  
Baile charme



### Estratégia de projeto

O sistema de assento retrátil, é composto por estrutura de metal, arquibancada de alumínio e cadeira do auditório. Ele permite que o ambiente se adapte a diversos tipos de atividade em diferentes lugares.





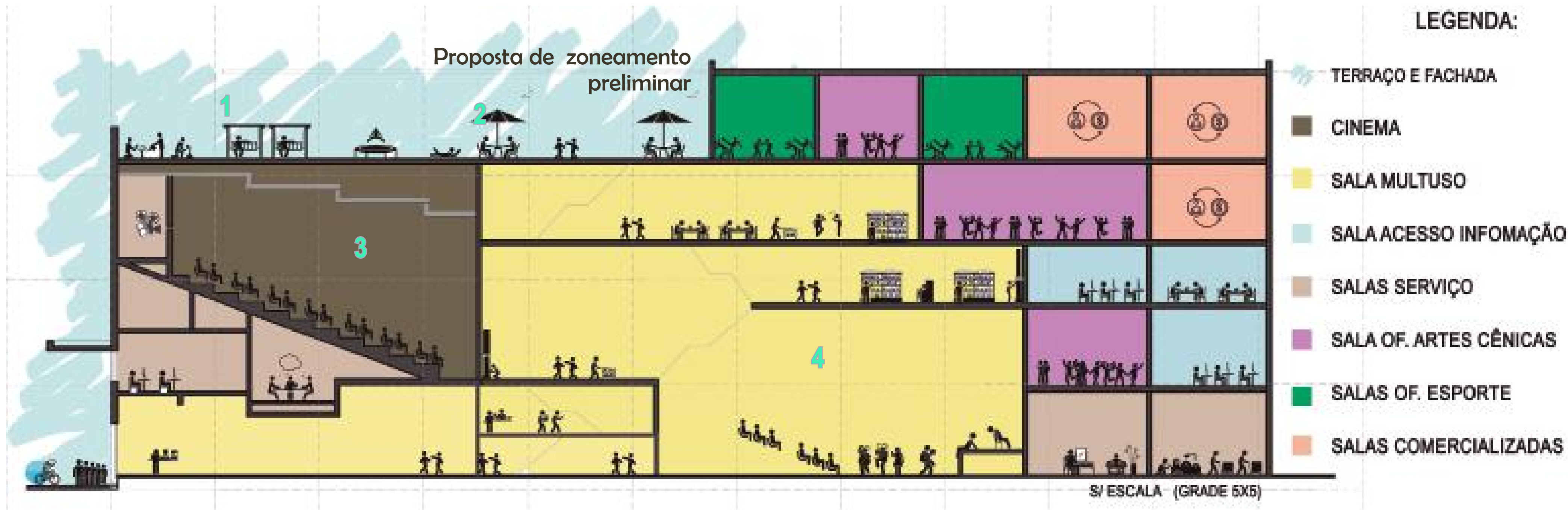


Figura s. Zoneamento intenções projetuais

**1 HORTA-** Uma das atividades que apareceram na pesquisa de campo foi a horta existente no morro de Jorge Turco (Rocha Miranda). Ela traz ao morro um senso de coletividade, cooperação e sensação de acolhimento para o espaço. O alimento e seu cultivo é uma proposta para que, assim como no Jorge Turco, o CASA-NOSSA tenha esse caráter de acolhimento e seja abraçado pela “comunidade”. Além disso, essa também é uma estratégia de projeto para que o terraço seja ocupado e visitado com frequência.

**2 TERRAÇO-** Esta área de Centro Cultural foi pensada para ser um espaço alternativo para reuniões, shows, eventos, permanência entre outros. Tal espaço alternativo, reforça o conceito deste projeto em estar aberto as mudanças e as diferentes formas que as mudanças necessitam para existir.

**3 CINEMA-** O cinema foi mantido no projeto pois, na pesquisa de campo foi evidenciado o interesse das pessoas da região a partir do movimento pró cine Guaraci que, reivindica a

volta do cinema com a função de Centro Cultural, mas resgatando o cinema como num desejo e um sentimento saudosista de resgate do antigo cinema.

**4 SALA MULTIUSO-** Este grande largo ao qual o projeto chama de sala multiuso é o coração do CASANOSSA no sentido de que, ele funciona como um espaço acolhedor de diversas atividades, algumas delas são: o teatro, que pode ser montado e desmontado utilizando o recurso das arquibancadas retráteis que permitem recolhê-las e deslocá-las com facilidade, o espaço multiuso pode funcionar para um evento mais intimista ou se abrir pra um grande evento. Ele também é um distribuidor de acessos verticais e horizontais, o acesso vertical pretende se tornar atrativo a partir da estratégia de, acúmulo de atividades distribuídas pelos antares; um exemplo disso é a biblioteca que se propõe estar disposta em tais andares. A atividade de biblioteca se justifica no Centro Cultural a partir de resultados da pesquisa de campo que apontam iniciativas ligadas a distribuição de livros e de pré vestibulares comunitários que necessitam desse suporte.

## Fundamentação do zoneamento

**5 ACESSO A INFORMAÇÃO-** Estas sala servirão de suporte a pessoas que necessitem ter acesso a informatização e como salas para pré vestibular e de capacitação dos líderes de iniciativas locais onde, a tecnologia será incluída reconhecendo a sua necessidade para uma capacitação de qualidade.

**6 SALA DO ESPORTE-** Essas salas serão voltadas para aulas ligadas a artes marciais, capoeira e afins, essa atividade demanda uma sala apropriada uma vez que, tal atividade se mostrou recorrente no comunidade e de grande interesse das pessoas.

**7 SALA DE ARTES CÊNICAS-** A pesar do nome, essas são salas projetadas para aulas de artes em geral, além de dança, teatro, musica, etc, o espaço reservará uma das salas para criação de um atelier onde, os líderes de projetos que fizerem a capacitação de gestão em

projeto, também aprenderão como complemento a confeccionar materiais e/ou mobiliário que, auxiliaram na adaptação de suas iniciativas na ocupação dos espaços cedidos para os mesmos.

**8 SALA DE SERVIÇOS-** Essas são salas reservadas para dar suporte ao andamento das atividades e do Centro Cultural em geral. Essa são a administração: que cuida da gestão do edifício, o camarim: que dá suporte as apresentações do teatro, o depósito: de armazenará quando necessário as arquibancadas retráteis, a materiais de suporte e eventos na praça entre outros.

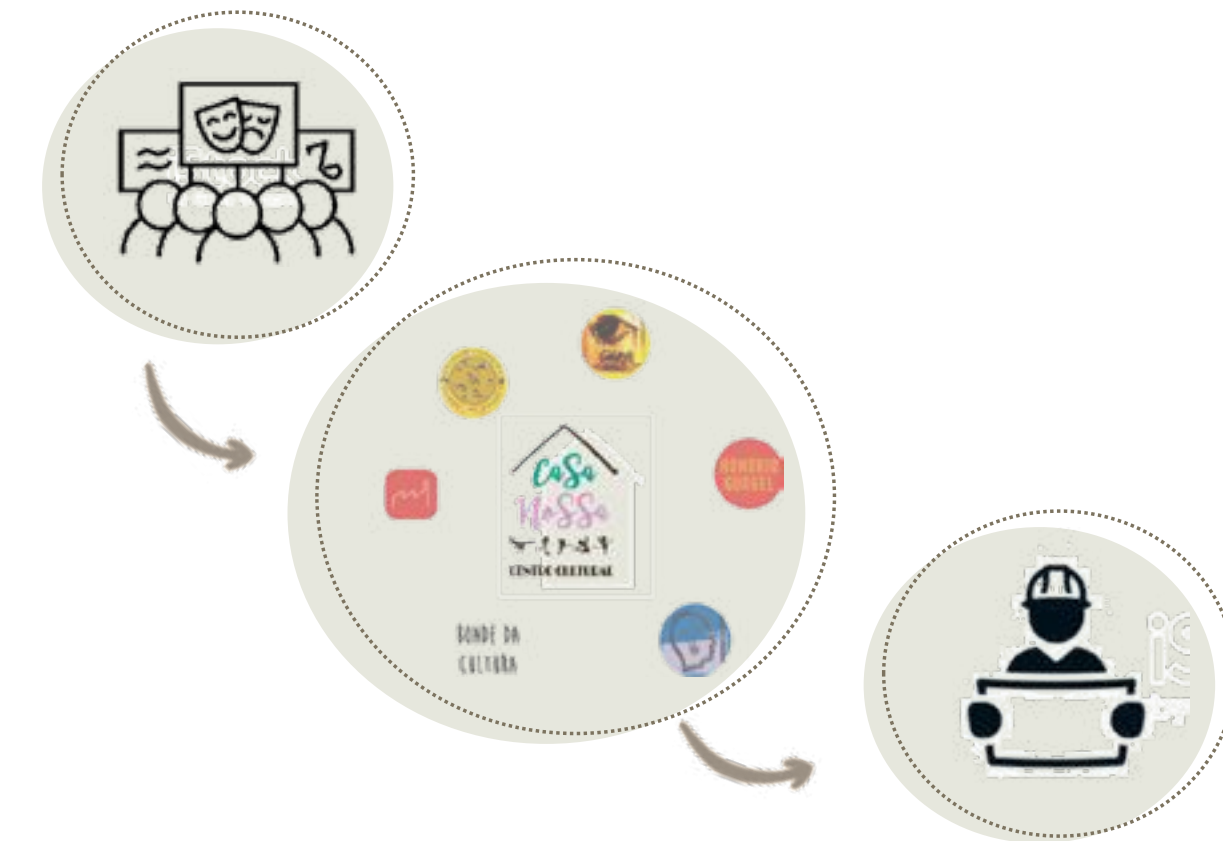
**9 SALA COMERCIALIZADAS-** No intuito de gerar alguma renda que auxilie na manutenção do edifício e na possibilidade de obter preços populares para o cinema, teatro e outros, foram reservadas salas para comercialização.



## Pontos considerados

O programa proposto para o edifício em questão foi baseado em três principais pontos da pesquisa de campo:

1. O desejo expresso por movimentos locais pela reabertura do Cine Guaraci como espaço de cultura;
2. A constatação de iniciativas na região que fracassaram por falta de boa gestão e as atividades recorrentes nessas iniciativas;
3. O interesse em suprir tais necessidades.



# 5. Projeto

## Atividades influenciando a arquitetura

### Amostra das iniciativas locais

#### ESPAÇO DA CULTURA ROCHA MIRANDA

- Rap
- Rima
- Pré-vestibular
- Biblioteca
- Artes Marciais
- Artesanato
- Festas típicas
- Teatro
- Dança
- Cineclube
- Horta comunitária

#### PHÁBRIC COELHO NETO

- Balet
- Basquete
- Teatro
- Inglês por Música
- Capoeira
- Bordado
- Tricot
- audiovisual

#### FILHOS DE ANGOLA COELHO NETO

- Capoeira
- História africana

#### COLETIVO HONÓRIO GURGEL HONÓRIO GURGEL

- Grafit
- Sarau
- Artes

#### GRASSOL COMUNICAÇÕES ROCHA MIRANDA

- Rádio comunitária

#### PROJETO TRANSFORME ROCHA MIRANDA

- Orientação jurídica
- Suporte emergencial

## Adaptações

Como dito anteriormente, o projeto tem como premissa a expansão das suas atividades como Centro Cultural para a Praça 8 de Maio. Entretanto o aprofundamento das práticas projetuais para a mesma não abrange a esta proposta, o que faremos aqui é apontar de forma mais superficial o que poderia ser feito enquanto projeto para o melhor aproveitamento desta praça como espaço ocupante de atividades culturais.

Para isso a planta baixa ao lado expressa este esforço propondo como solução a partir do diagnóstico:

-Traffic calming- rua e calçada nivelada com diferenciação de cores para inibir os carros e facilitar o fluxo de pessoas;

-Pista de Skate- adaptar a pista de skate existente com encaixes para hastes para colocação de telão;

-Travessia- faixa de pedestre centralizada na praça dando mais segurança e respeitando o fluxo existente;

Rua- estreitamento da rua dando prioridade as calçadas;

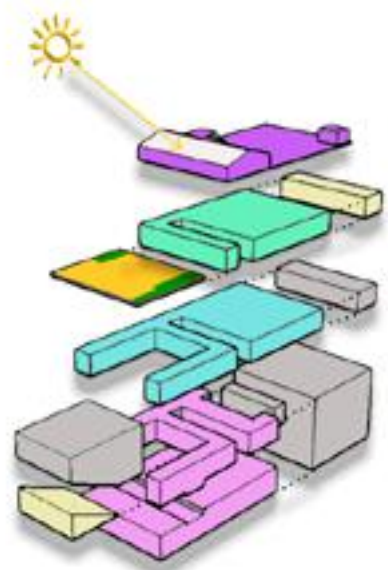
-Canteiros- compactar alguns canteiros no centro da praça para dar mais espaço livre a apresentações .







## Programa do edifício



- Cobertura/ Clarabóia
- Varandão/ Horta
- Salas para oficinas
- Midiateca
- Administração
- Sala Multiuso e Cinema (salas existentes reformadas)
- Foyer

### Pavimento térreo

Área: 965,74 m<sup>2</sup>

Principais setores:

- Foyer
- Café
- Sala multiuso
- Lojas 1 e 2
- Sanitário 1

### 2 Pavimento

Área: 603,25 m<sup>2</sup>

Principais setores:

- Cinema
- Administração geral
- Salas de iluminação e som
- Loja 3
- Sanitários 2

### 3 Pavimento

Área: 782,10 m<sup>2</sup>

Principais setores:

- Midiateca
- Adm da midiateca
- Camarins
- Copa
- Depósito
- Sanitários 3

### 4 Pavimento

Área: 965,74 m<sup>2</sup>

Principais setores:

- Salas para oficinas
- Salas de estudo
- Vestiário
- Varandão
- Loja 4
- Sanitários 4

### Cobertura

Área: 965,74 m<sup>2</sup>

Principais setores:

- Casa de máquinas
- Almoxarifado
- Reservatórios de água comum e para incêndio



Imóvel protegido pelo Decreto 26.644 como tombado, em 2006 fora destombado em 21/12 pelo projeto de Lei n. 138/2017, permanecendo apenas a fachada tombada.





## Plantas

-Foyer: esta área foi projetada para compra e venda de ingressos, receber pessoas, para em geral circulação, serviço e estar. Os sanitários foram postos propositalmente próximo a entrada sendo um atrativo também para quem transita na praça e necessita deste serviço uma vez que, a mesma não dispõe de sanitário público. Além disso temos um Café que, consolida um espaço de estar nesse setor assim como a própria escada de acesso principal aos outros andares que também abrange a função de banco em suas laterais e disponibiliza balanços instalados em sua estrutura como uma forma irreverente de estar.

Ao fundo, como estratégia de interesse do público e forma de renda para o edifício, são propostas duas lojas de conveniências.

-Sala Multiuso: esta sala foi projetada para atender as necessidades dos usuários podendo servir por exemplo para, apresentações teatrais, de dança, shows, reuniões, entre outros. Para isso, uma das artimanhas está na utilização de arquibancadas retrateis com 157 assentos que são recolhidas quando necessário o uso de cem por cento do espaço da sala. Além disso, a sala é equipada com piso, parede e teto acústicos para não haver influencia negativa sonora em outros andares.



## PLANTA 2 PAV.



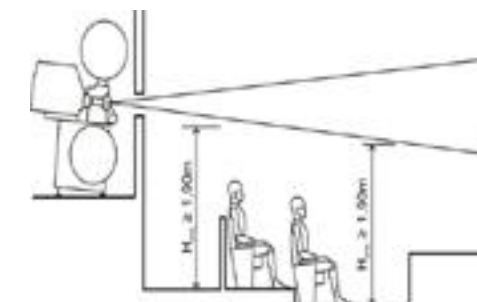
## Memória da cálculo tela do cinema

$L > D / 2,0 = 12,16 / 2,35 = 5,17$  (valor mínimo)  
Adotar tela de: 11,50 x 4,50 m



## Dimensões verticais consideradas

Fonte: ABNT



## Plantas

-Sala de cinema: a sala de cinema vai além de sua função, ela representa o principal uso que o edifício oferecia na sua época de inauguração em 1954, por isso este se torna um ato simbólico de sua revitalização.

A sala comporta 187 assentos e, uma tela de 8 metros de largura por 6 de altura para que a visão seja confortável da primeira a última fileira como previsto no cálculo realizado.

Assim como na sala multiuso, a sala de cinema também foi projetada com piso, parede e teto acústico conforme as normas para o isolamento do som.

-Salas de iluminação e som: as salas de iluminação e som estão posicionadas neste andar para atender as alturas necessárias para dar apoio técnico ao palco na sala multiuso com eficiência.

-Loja 3: a loja 3 foi pensada para dar suporte a área de espera do cinema e atender o público neste andar proporcionando mais comodidade ao público.





## Plantas

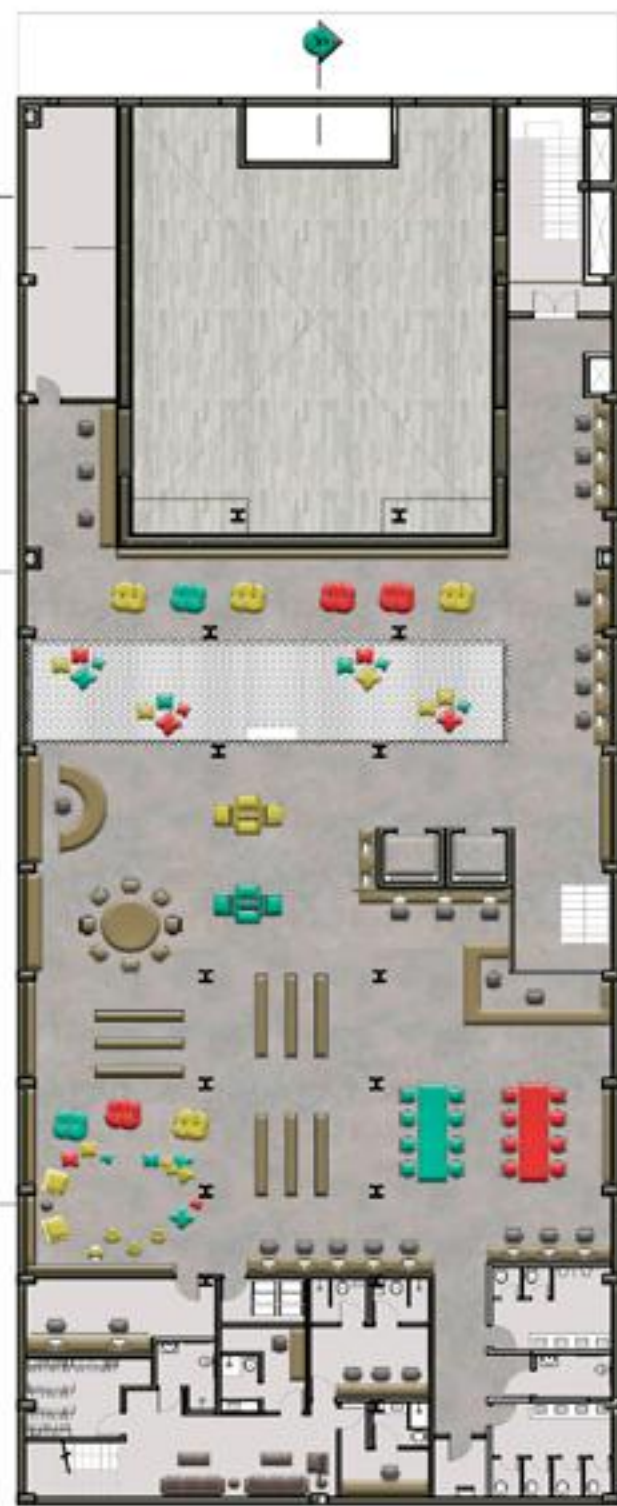
-Midioteca: a biblioteca foi adicionada ao programa do projeto por ser uma demanda do bairro. O layout foi pensado para atingir o público alvo juvenil, o despertar da leitura para crianças é algo que já apareceu no bairro como uma iniciativa anterior e o projeto tenta resgatar isso de certa forma. O piso flutuante e acústico com assoalho de madeira foi pensado para neutralizar as vibrações externas a biblioteca para se tornar um ambiente mais favorável a leitura. A rede de descanso foi adicionada ao layout no intuito de trazer para esta área um espaço confortável de leitura e atrativo sobretudo para o público juvenil.

-Camarins: os camarins tem acesso pelo palco e também por esse andar (para que se necessário usar-se o elevador). O espaço prevê um camarim coletivo e dois individuais com sanitários particulares, um depósito de figurinos e sala de espera.

### Programa da midioteca

- Hall;
- Recepção;
- Terminais de consulta;
- Setor de empréstimos e devoluções;
- Guarda-volumes;
- Acervo geral (c/ área de leitura);
- Acervo infantil;
- Área de contação de histórias;
- Acervo juvenil;
- Gibiteca;
- Acervo de periódicos (c/ área de leitura);
- Acervo em braille (c/ área de leitura)
- Setor multimídia;
- Setor de pesquisa online;
- Sala de estudo "aquário" (privada);
- Sanitários.

### PLANTA 3 PAV.



### PLANTA 4 PAV.



### Detalhe das salas para oficinas

-Salas para oficinas: neste andar as salas foram pensadas a partir das demandas das iniciativas encontradas na pesquisa de campo, por isso, temos duas salas com funções específicas que são o estúdio de som e o atelier para marcenaria. As três salas modulares tem as divisórias retráteis para que elas possam se adaptar a demanda da ocasião uma vez que, a intenção de Centro Cultural é ter uma rotatividade de iniciativas de diferentes necessidades espaciais.



## Plantas

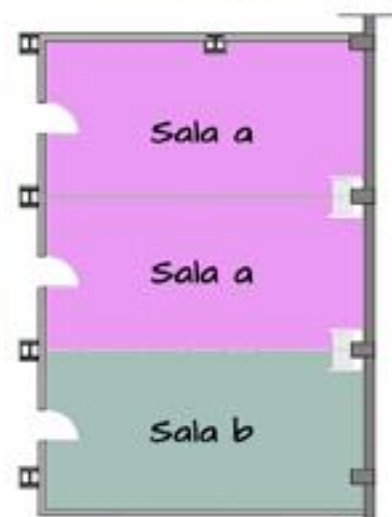
-Varandão: o Varandão por ser um espaço descoberto com vista, sonoridade e clima externo é uma área que traz a rua de volta ao edifício, seu espaço livre possibilita a execução de diversas atividades que já são realizadas na parte coberta do edifício a ser executadas ao ar livre como por exemplo ler um livro, se alimentar, praticar atividades físicas, entre outros. A área externa traz também dois elementos peculiares: o simbolismo e resgate de uma prática que aparece em uma das iniciativas no Morro de Jorge Turco, uma horta comunitária, este projeto propõe o plantio de legumes e verduras nos canteiros representando tal horta comunitária que resgata este simbolismo no projeto. O segundo elemento seria a criação de uma lanchonete com a intenção de venda de alimentos orgânicos confeccionados a partir do cultivo das hortaliças colhidas da horta existente no projeto.





## Tipologia das salas

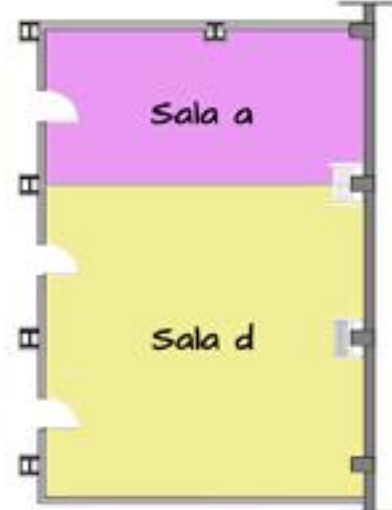
Combinação 1



Combinação 2



Combinação 3



Combinação 4



### Dimensionamento das salas:

#### Sala a:

-dimensões: 8,00 x 3,90m  
-área: 31,20m<sup>2</sup>

#### Sala b:

-dimensões: 8,00 x 4,00m  
-área: 32m<sup>2</sup>

#### Sala c:

-dimensões: 8,00 x 7,80m  
-área: 62,40m<sup>2</sup>

#### Sala d:

-dimensões: 8,00 x 8,00  
-área: 64m<sup>2</sup>

#### Sala e:

-dimensões: 8,00 x 11,80m  
-área: 94,40m<sup>2</sup>

### Materialidade:

-piso: flutuante com assoalho de madeira;  
-divisórias: articulada acústica com chapas de madeira

### Possíveis atividades:

#### Dança:

-numero de pessoas: 25  
-dimensões mínimas da sala: 60m<sup>2</sup>  
-acesórios: piso flutuante, barras e espelho.

#### Artes marciais:

- número de pessoas: 20  
-dimensões mínimas da sala: 64m<sup>2</sup>  
-acesórios: tatame

#### Aula de artes:

-números de pessoas: 30  
-dimensões mínimas da sala: 45m<sup>2</sup>  
-acesórios: cavaletes

#### Saraus:

-número de pessoas: 30  
-dimensões mínimas da sala: 45m<sup>2</sup>  
-acesórios: assentos

#### Pré vestibular:

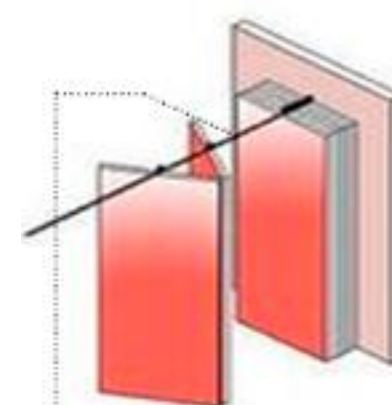
-número de pessoas: 30  
-dimensões mínimas da sala: 45m<sup>2</sup>  
-acesórios: mesas e cadeiras

#### Cineclube:

-número de pessoas: 30  
-dimensões mínimas da sala: 54,60m<sup>2</sup>  
-acesórios: assentos, projetor



## Parede Articulada Linha Standard 70



### Informações técnicas:

- » Espessura: 70 MM.
- » Largura : 850 MM.
- » Altura: 3400 MM.
- » Trilhos em alumínio rígido estrutural
- » Roldanas: Duplo rodízio em nylon.
- » Índice de atenuação acústica: 20 DB.

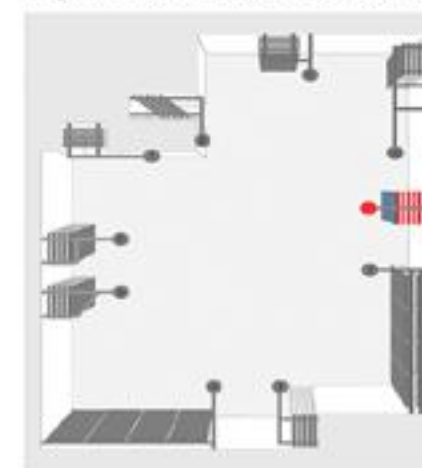
### Sistema de Fixação dos trilhos:



O trilho é preso na laje através de um sistema ajustável com tirantes, a estrutura é compatível com a carga a ser suportada e fixada antes do foro.

EM TRELIÇA METÁLICA

### Tipos de recolhimento:



O Recolhimento a ser utilizado no projeto será o de uma só direção.

### Revestimento externo da divisória: chapas de madeira



Fonte: Catálogo SPR: Especialistas em divisórias





## Plantas

-Cobertura: a cobertura é composta pela parte técnica do projeto, nela encontramos a casa de máquinas, os reservatórios de água comum e de incêndio e o almoxarifado. A laje é feita em concreto armado e além dela temos uma cobertura em vidro trazendo luminosidade ao edifício internamente e o pergolado que traz sombra a área descoberta.



## Memória de cálculo do reservatório de água:

### Reservatório de água:

Número da assentos:

Sala multiuso: 157

Cinema: 175

Biblioteca: 72

Salas oficinas: 6 salas 20 pessoas por sala= 120

Varandão: 20

ADM: 6

Total= 570

2 Litros/dia por assento:

$2 \times 570 = 1140 \text{ m}^3$  para atender a

2 dias x por 2 = **22.800 litros**

### Reservatório técnico de incêndio- RTI:

$V = Q \times T$

$V = (300 + 300) \times 60$

**$V = 36.000$  litros**



1 caixa 25.000  
litros- RA



2 caixas de 20.000  
litros- RTI

## PLANTA DE COBERTURA



Perspectiva do Varandão





**CORTE AA**



**CORTE BB**





## Cortes

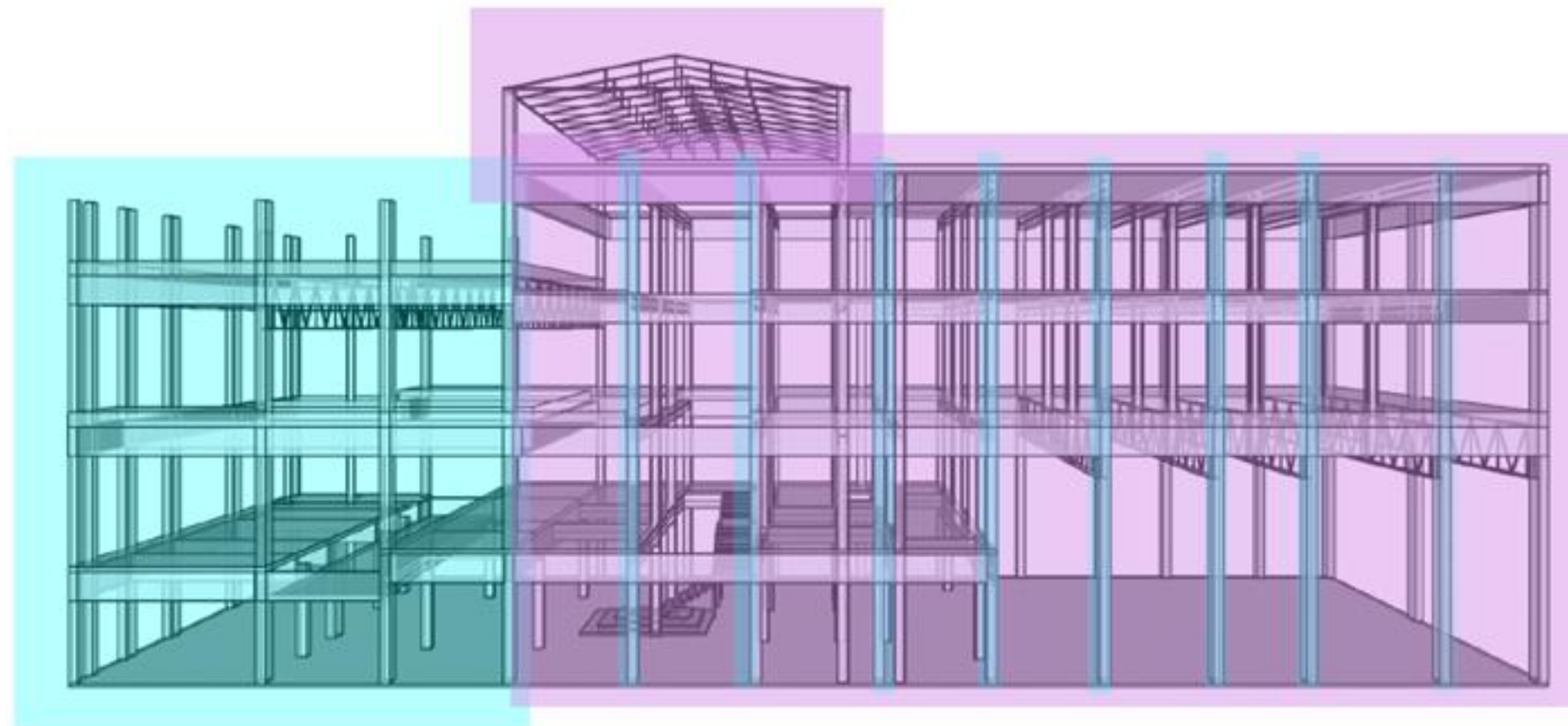
A representação vertical do projeto nos permite analisar a dinâmica da construção com mais clareza. Se compararmos a planta e corte original do edifício podemos observar que, o fluxo vertical que anteriormente era feito por um só acesso, uma escada lateral no início do edifício foi substituído por um acesso de destaque no centro da construção, uma escada que dá acesso ao cinema e uma escada lateral dando acesso aos outros andares, além disso, dois elevadores foram acrescentados para uma acessibilidade mais democrática.

Entretanto, a grande mudança da planta original para a proposta foram, dois novos andares acrescentados a partir de um complemento estrutural metálico e um acréscimo em área alongando-se em 10 metros para o lote posterior ao edifício, assim foi possível atender com mais eficiência as necessidades do centro cultural.

A ordem das atividades por andar foi pensada de forma decrescente para atividades de maior fluxo de pessoas para atividades com menor fluxo de pessoas considerando também a relação número de pessoas/tempo de permanência, isso por conta da viabilidade do reforço estrutural ser maior no terceiro pavimento e uma midiateca necessitar de tal reforço. Entretanto as atividades do último andar (oficinas, Varandão) são de grande importância para a ocupação total do edifício por serem também atraentes para o público.



## Informações estruturais:

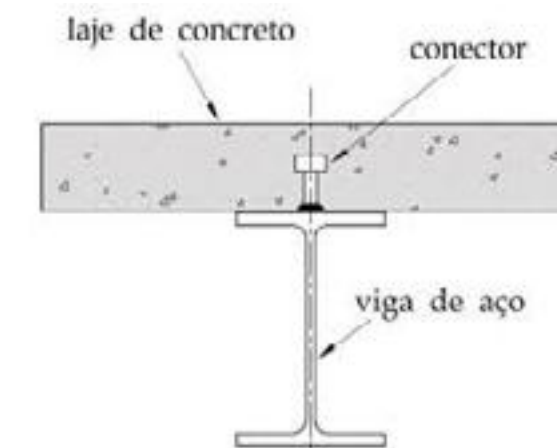


- Estrutura existente (concreto armado)
- Estrutura proposta (metálica)

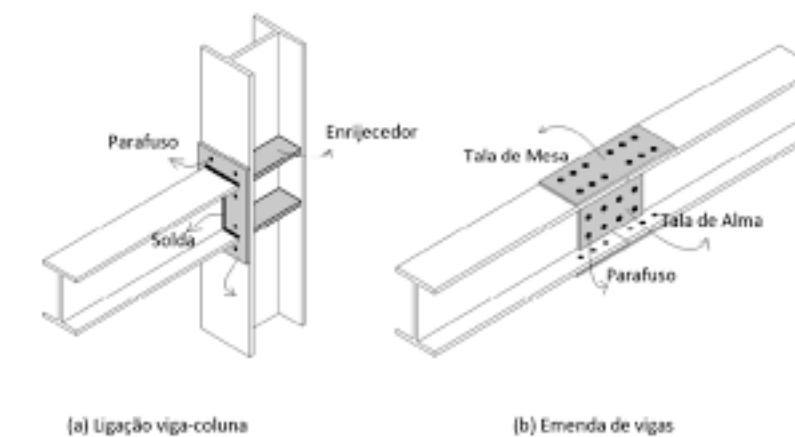
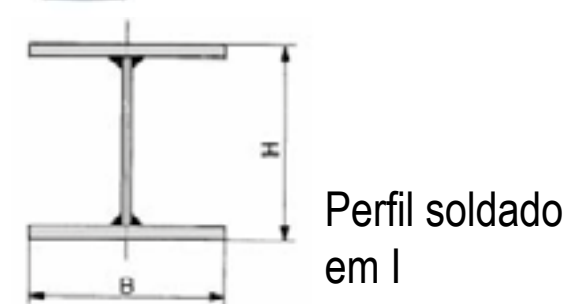


## Informações estruturais:

Com Já dito anteriormente o edifício é existente, apesar de ser antigo (1954) a sua estrutura em concreto armado é aproveitável. Entretanto, o novo projeto propõe um novo layout no qual novos andares são adicionados. Para isso, uma nova estrutura será necessária. Como solução o projeto aponta o adicional uso de uma estrutura metálica de pilares e vigas, a solução adotada foi essa por conta da rapidez e facilidade que tal estrutura proporciona a obra, além disso uma vez que essa estrutura não necessite de grandes escavações para a instalação se torna mais segura levando em consideração o fato do edifício ser antigo.



## Tipo de estrutura adotada:





## 6. O estilo arquitetônico: a memória na materialidade



### Fundamentação do estilo da edificação:

Uma vez que, o edifício tem como característica o fato de somente a fachada ser tombada, ou seja, da mesma não poder sofrer modificações, eis aí dois caminhos arquitetônicos a serem seguidos: o primeiro seria a tentativa de restauro fiel ao original resgatando esta memória, e o segundo seria reinventar este espaço interno trazendo algo novo.

Nesse dilema, a proposta do projeto segue inclinado a segunda opção, primeiro por conta do edifício como mestrado anteriormente está com o seu detalhamento interno muito danificado, segundo pelo desejo de reinventar a construção de forma que, evidencie o contraste do que era originalmente e o que foi construído depois, neste momento através de sua estrutura.

Uma das teorias que apoiam a escolha pelo segundo caminho foi o pensamento leduciano (de Viollet-le-Duc) que defendia “que todas as partes retiradas de um monumento, deveriam ser substituídas por equivalentes de melhor material e por meios mais eficazes. Ele afirmava que era de bom senso do arquiteto substituir as tesouras de madeira de uma cobertura, já degradada e infestada por insetos, por uma em ferro de igual desenho e proporção. Em um caso como este, ou na obrigação de instalar um novo equipamento não previsto

no uso original, deveria se fazê-lo não tentando dissimular esse novo elemento, mas sim, utilizar a sua inserção como ênfase à nova fase do projeto.” (O idealismo de Viollet-le-Duc. Oliveira, Rogério Pinto Dias).

Também levei em consideração o pensamento da arquiteta Lina bo bardi de que utilizar-se das aparências de épocas superadas é incoerente: “Somos modernos. As casas que construímos são bem de hoje. [...] Benvindas sejam as novas construções de materiais modernos, expressão (sic) da consciência coletiva e do respeito à humanidade.” (BARDI, 1958, não pag.)

Assim, a estrutura original do edifício foi mantida enquanto memória de sua construção original e sua época para que sua história não se perca, entretanto seu estilo arquitetônico interno complementar, tende a um estilo contemporâneo industrial. Isso fica evidenciado pela escolha de materiais e revestimentos e estrutura aparente adotados como solução, vamos ver a seguir nas perspectivas internas como isso esta funcionando.

### Materiais utilizados



Ferro fundido



Piso vinílico



Piso cerâmico em cimento queimado



Tijolinho



Madeira de lei



Madeira cinza







Materialidade:

## foyer

### Estrutura original

A estrutura em concreto armado foi mantida e sua materialidade será deixada aparente como forma da remeter ao estilo original.

### Piso proposto

O piso não foi mantido, a proposta é um piso cerâmico em cimento queimado reforçando o contraste de estilos.

### Teto proposto

O teto antes trabalhado em desenhos em gesso foi substituído por um teto com vigas aparentes e pintura simples.

### Mobiliário proposto

O mobiliário procura trabalhar com a madeira em algum detalhe dando uma sensação de aconchego ao ambiente.



Materialidade:

## foyer

### Estrutura proposta

A estrutura proposta em material metálico aparente reforça o estilo contemporâneo industrial ao ambiente e demarca a diferenciação da estrutura existente e da proposta.

### Escada proposta

A escada tem como proposta a mistura de materiais, a madeira e o metal. Além disso, ela pretende ser um elemento funcional mas também irreverente pois os seus degraus em madeira podem servir como bancos e em sua estrutura metálica são implantados balanços se tornando um espaço de estar.

### Revestimento da parede proposta

A parede traz o tijolo como revestimento por sua baixa manutenção, baixa absorção de calor e por reforçar um estilo industrial ao ambiente.





Materialidade:

## Varandão

### Deck proposto

O deck além de ser um piso eficiente para áreas externas compõem um ambiente intimista.

### Pergolado

O pergolado traz sombreamento e um com isso um clima mais confortável termicamente para a área.

### Revestimento em tijolinho

O revestimento se estende a área externa dando homogeneidade ao projeto.

# 7. Perspectivas









**MIDIATECA**



**MIDIATECA/  
ÁREA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**







## 8. Anexos



Entrevistado:  
 Nome: Júlio Lacerda (Julião)  
 Idade: 39 anos  
 Formação: Licenciatura em história (UNISUAN)  
 Data entrevista: set/2019  
 Local da entrevista: morro do Jorge Turco, Coelho Neto (na praça)

Pq- Bom dia, é...eu estou aqui com o Júlio Lacerda...

En- Julião, né

Pq- Julião né, o mais famoso Julião, e ele é um...ativista, posso te chamar de ativista?

En- Isso, isso ativista...

Pq- Ele é um ativista e defende a cultura no subúrbio né. Então Júlio, eu queria que você me falasse um pouco da sua trajetória assim de vida.

En- Certo, certo então, estamos aqui né, na nossa comunidade, poxa e é, me identifico hoje, uso uma terminologia importante, que ela demarca e simboliza a identidade de, da resistência de favela. Eu sou cria daqui do Jorge Turco né, tenho trinta e nove anos é...tive a oportunidade de vivenciar a cultura do funk da antiga que tá ai voltando, é...vivi minha juventude aqui né, e depois eu tive a experiência de me tornar evangélico né, numa igreja da comunidade da “Assembleia de Deus” e tal, e ai eu casei, tive meu filho, é...morei um período na Bahia né, um pouco na Bahia, Belford Roxo, e que foi no período que eu tive a oportunidade de estudar licenciatura em história né, ai eu volto pra

comunidade, volto pra comuni...(e ai mestre, esse é da cultura também, risos) é...volto pra comunidade e ai começo ah...ah...fiz militância estudantil, na UNISUAN né, onde eu estudei história, ali tive contato com a importância da resistência, da luta é...isso abriu eu pouco meus horizontes e quando eu volto a morar aqui né, é...fiquei uns cinco, seis anos fora, quando eu volto a morar eu vi a importância de contribuir, isso é muito importante, de contribuir de alguma maneira com a comunidade trazendo um pouco do que eu aprendi, do conhecimento de tal, então eu passei a ver a importância da militância de bairro que a gente chama de militância de bairro, e nessa militância de bairro a nossa contribuição pode ser de diversas formas né, o cara pode ter uma experiência na área da saúde, na área da arquitetura, na área da educação, da cultura e tal, então eu tinha uma identificação, é...muito grande com a cultura de de resistência, a cultura de de...eu chamo cultura de resistência, cultura do subúrbio, a fala a voz da favela né, a gente é, se expressando enquanto alguém que demarca sua identidade, que não foge da identidade e querendo ou não favela é sinônimo de resistência.

É...o que que acontece, eu começo a me aproximar de uma liderança da comunidade, da Associação de moradores que era o Valdecir né, um cara que estava atuando num espaço aqui da comunidade que, era um...era uma sede, era uma antiga sede de um clube de futebol amador da década

de cinquenta de quando o...a comunidade era o...ainda tinha o...cara cuja a comunidade recebe o nome vivo, que era o Jorge Turco então, era o Novo Oriente era um clube de futebol amador, ali nessa sede que era inclusive na rua que eu moro, rua Arapeí...

Pq- Isso foi quando?

En- Mil....quando o quê? Quando foi fundado ou quando eu atuei?

Pq- É...quando você conheceu o Valdecir.

En- Isso, é o Valdecir eu já conhecia, mas ele é...dois mil e oito (2008) ele assume a gestão de vice presidente e tal, e passa a utilizar o novo oriente como um espaço de, de fomentação cultural, iniciou com a ideia de uma biblioteca comunitária ali embrionária né, um um...espaço ali de diálogo com moradores né, política, politização né, num melhor termo da palavra política né, e ai isso dois mil e oito (2008) pra dois mil e nove (2009) e ai tinha aula de...muay thai na época ali e já tinha sido um espaço que, depois que que o clube parou de funcionar já tinha tido capoeira, taekwondo, né, nós temos mestres de Taekwondo que foram formados aqui no no...Jorge Turco, a escola do mestre Dudu...né, vários jovens que se formaram por ali. E...o que que acontece, isso em dois mil e nove (2009) iniciozinho de dois mil e nove (2009) e ali tinha um nome, ele formou um nome que era CECINO (Centro Esportivo Cultural Infantil Novo Oriente) fazendo referência ao clube, que lá tinha o clube de futebol amador, então se torna na

verdade um uma...pequena biblioteca comunitária né, um centro cultural, acho que é o melhor termo, e quando eu me junto ali ao Valdecir, é...eu...ele tinha muitos livros ali, que tinha arrecadado e ai ele...eu passo a organizar aqueles livros e tal e abrir o espaço todo dia.

Pq- Antes de você chegar não abria todo dia?

En- Não abria todo dia, porque ai era mais gente pra somar, pra ajudar a trabalhar, abria quando dava.

Pq- E as condições do espaço?

En- As condições bom, eram...precisavam de reforma o banheiro não funcionava legal, é po...um pouco precário né, precisava de obra, de ajuda, de investimento, mas era uma sede vamos dizer assim, particular, era um bem da comunidade mas sem propriamente um dono específico, era de um clube de futebol amador. Um espaço ideal ao meu ver dentro das perguntas que a gente tem ai é uma questão né, que é o lance de assim, é...como é que eu vou dizer, é...como é que... (atendeu o telefone interrompendo a entrevista) ai o que eu acontece é....

Pq- Estava falando do espeço, das condições...

En- Isso, é o que que acontece, eu, eu entendo que, a galera, ai eu estou misturando um pouco duas coisas mais ai depois se organiza...

Pq- Não tem problema, pode ir no seu raciocínio...

En- É, a galera é que atua com cultura né, quem atua com fomentação cultural, quem entende a cultura como, como uma forma de contribuir

para o bem de sua comunidade, para o bem do subúrbio, para o bem da periferia, para o bem da nossa juventude que por muitas vezes está ociosa por falta de uma compreensão correta de como desenvolver uma política pública pra combater né, as mazelas da nossa sociedade vai precisar se utilizar dos espaços que houverem temos que ocupar os espaços vazios, era um pouco da nossa filosofia e...o clube estava a muito tempo parado e tal, e o Valdecir ele passava essa era uma grande liderança comunitária porque era da associação de moradores, mas tinha uma ideia de que é...tinha que fugir desse trabalho tradicional de Associação de moradores e é...juntar a galera, fomentar as ideias então, ele falava muito assim, “po, a galera se forma na faculdade e não faz nada pela sua comunidade” né, então o espaço era de uma maneira geral era uma...um lugar aonde agregava, aonde a ordem do dia era precisamos manter aberto né e ai, voltando lá no lance dos livros ai comecei a ajudar a organizar né, eu tinha uma compreensão, eu tenho muitos livros, a gente na faculdade aprende a garimpar ir pra pra...pros sebos e tal e, e tinha um camarada que já estava atuando ali né, dentro da comunidade também, o Diego Silva ele já dava aula de Muay Thai ali, era instrutor o espaço...coordenador era o Rodrigo e ele era tipo um supervisor do Muay Thai e ai a gente, era vizinho, eu já tinha tido uma experiência com ele na época de igreja né, é é...eu era líder da, das da igreja, dos jovens tal, e ai a gente começou a conversar

bastante da situação, tinha um outro camarada também nessa época bem inicial da...organização ali, do início do...Novo Oriente ali, porque o Novo Oriente ele vai, ser o espaço, ele vai ser o lugar, vai ser o embrião do “Bonde da cultura” que foi o nosso coletivo e tal, então ai tinha o Marcelo Dierre também que era já um músico é...atuava na igreja e tal mas né, hiper pra frente né...um...que as vezes a galera tá na igreja e voltado né, só para as questões espirituais e esse espiritual não ataca a questão social, então se for uma mentalidade de igreja que você não interage, que você não atua no social, eu acho que na verdade não tá nem correspondendo ao que o próprio Cristo Jesus falou né, vamos ser o sal, vamos atuar, vamos, uma intervenção.

Pq- Ser objeto de ação...

En- de ação, usava...a gente uma muito uma terminologia assim é, “precisamos ser atores sociais e não é, espectadores” né, então é essa a ideia do do...da atuação na comunidade, ali pelo viés da cultura é, considerando que era uma atuação na comunidade e a comunidade tem o lance da violência da segurança pública atuando de uma maneira também que é equivocada que é a política da bala, da guerra, a gente entendia que a cultura era a forma de resistir, dá um papo né, ali...a primeira música ali, que a gente colocou nessa época... porque tá, tá tudo misturado, que a gente colocou foi, foi....dizia mais ou menos assim é...“queremos paz, queremos paz, temos orgulho desse chão né,

é o bonde da cultura de ‘Mike’ na mão, combatendo a violência sem usar o caveirão, na via da cultura, esporte, educação né, somos artistas do nosso morro, prontos pra essa nação, nosso palco é a pista e o tablado é esse chão, mas vale esse solo que um da televisão”. Então a ideia de valorizar o potencial artístico de cada indivíduo, então a gente falava disso e o é...os momentos de realização de eventos aonde a gente expunha as nossas ideias eram fundamentais talvez fossem as principais ações além de quê? De manter a biblioteca aberta né, e aí os parceiros é...que por exemplo, moça de sabia dar uma oficina de artesanato né, aí tinha um cara que podia dar um atendimento jurídico, então você fazia com que o espaço oferecessem coisas práticas que ajudassem de alguma maneira o morador, a pessoa que participava do cotidiano é...da rua, daquele...dali do espaço, da Jaqueira (nome da rua) né, o coração do morro e tal é...então as atividades; quais as atividades eram essas atividades, ali eu vendo um lugar com livros, aonde se discutia política, história, a realidade social, a violência do Estado, é...a ociosidade da juventude, então tudo que uma comunidade é...pudesse é...que fosse de alguma forma contribuir pro jovem sair daquela ociosidade que a gente entendia ser, entende, ser um dos piores males porque, o jovem fica ali, sem oportunidade de emprego, sem formação de qualificação, então vamos o quê? Vamos valorizar em prim....sofre preconceito, então vamos primeiramente fazer ele valorizar a sua identidade

de favela, de ser o subúrbio, de ser a periferia e ser resistência, então a sua identidade de resistência, alguém que sobre opressão, que sofre preconceito, opressões de diversas formas. É então com isso a gente valorizava essa identidade, a gente de alguma maneira qualificava ele pra vida porque aí você tem uma oficina de poesia, de rima, você estimulando a leitura, você fazendo reuniões de bate papo, de de...artesanato de é....passa é....cine, passando filme, então é....e fazendo debate e é é....ai aula de violão né, o Marcelo Dierre começou a dar aulas de violão aí você ent....é....mantinha a interação entre a galera do Muay Thai com a galera de cultura. Então as coisas iam muito assim de maneira...era uma formalidade com muita informalidade era o gente que dava, com muita espontaneidade né, com muita vontade de realizar dentro das condições que se tinha né, dentro das condições que se tinha, tinha uma sede desestruturada, nós tínhamos um prédio velho de dois andares por terminar de um antigo clube de futebol amador que era também um símbolo da identidade local que era um espaço que muitas vezes era até confundido pela atuação que a gente fazia, passou a fazer, como uma espécie de segunda Associação de moradores um espaço público né, de interação com a comunidade me lembro que pessoas à medida que a gente foi fazendo aquele, aquela movimentação sociocultural ali através do CECINO e isso, ao mesmo tempo transitando pra se tornar o coletivo “bonde da cultura”, então CECINO foi

como embrião do “bonde da cultura” é...e aí seria uma coisa que passava a dialogar com movimentos sociais, com universitários, com movimentos de outros...moradores de outro...uma terminologia que eu gosto muito que é a do morador né, alguém local, alguém que se entende como né, eu sou daqui enraizado e tenho que fazer é...pelo meu lugar né, por isso aquele papo do “vou me formar e po... não vou...ah o meu sonho é sair daqui, po então cara na minha avaliação, papo do Julião então assim esse é um morador de segunda categoria que, o morador ele tem que em primeiro lugar no ousar tentar melhorar o seu lugar de vivência, de onde ele nasceu, de onde ele mora e tal parara... Isso é um primeiro momento, tenta ver o que que eu esqueci aí aonde eu posso falar mais vamos... Pq- Eu queria saber como é que era a movimentação no lugar, por exemplo, você falou que quando você chegou você a abrir todos os dias, quem ia pra esse lugar? Era jovem, idoso, criança? Como é que ficou, tipo aumentou... En- Isso, aumentou muito foi, com a nossa chegada eu Diego, parando sempre ali, aí tinha uma moradora que sempre abria ali o espaço pra gente, a chave ficava com ela né, o Marcelo Dierre começou a vir também todo dia que era o músico né, o músico especialista da galera é...a gente começou o que a entender assim: po...tem que está aberto então, primordialmente a galera adolescente é...e aquela idade ali, dez (10), onze (11), de doze (12), tinha uma galerinha que ainda não estava no...

também não estava no ensino médio que é o que eu estou falando tipo assim, a galera estava ociosa então ia pra lá, pra receber uma influência porque era algo bom que estava acontecendo na rua. Por exemplo, aí vinha o dia das mães a que o... galera a gente...tudo, toda data a gente via como uma oportunidade de fazer alguma coisas, e aí a gente pegava essas realizações de evento e dava gás pra poder o que é é...era tipo um motivo pra poder está reunindo e como eu vou dizer, fomentar mesmo, tipo estimular, mas assim, era mais que isso, era mais que isso porquê de maneira espontânea...a gente tinha coisas que eram fixar tipo assim aulas de violão, oficina de artesanato, é...um cineclube né, o Muay Thai em fim né, as reuniões que existiam propriamente ali informais mas toda noite, a gente estava ali né, então, se antes a gente abria formalmente de oito(8h) á quatro (16h), cinco (17h) aí o Valdecir fechava para o almoço, com a gente passou a...e se antes costumava não abrir certos dias porquê recursos humanos é fundamental pra qualquer projeto a gente passou, do nosso jeito espontâneo, sem ter um como é que eu vou dizer, sem ter um estatuto, um estatuto um vínculo empregatício, ser um projeto formalizado, era uma iniciativa comunitária, não era propriamente comunitária que se “virava nos 30”, que fazia o que dava pra fazer de acordo com as demandas ali próximas, aí por exemplo, aí um menino que era da escola e ela está lá na quinta série, ele está tendo uma dificuldade em português

ai ele expressava aí, aí a gente via o que dava pra fazer né, “aí eu tenho uma pesquisa pra fazer que o professor de Geografia blá blá blá...po vamos ajudar” né “a po eu estou...po briguei com a minha mãe, meu pai se separou da minha mãe blá blá blá...não, vamos conversar”. Então as vezes assa juventude está precisando do...eu até entendo em os CRAS né, de assistência social e tal que são parceiros das comunidades e acho que é importante ter um investimento nesse CRAS a gente tinha um diálogo com o CRAS a galera de pedagogia do CRAS eu me lembro de várias reuniões porque a gente passou a ser uma iniciativa interessante pra compreender a forma de atuação e identificar mesmo algumas necessidades da comunidade então era interessante pra eles dialogarem pra gente entender um pouco do que poderia ser feito, do que se fazia, qual era a demanda de uma jovem tal, e muito era o lance de também acho legal...ah a gente também oferecia oficina de dança, entendeu, oficina de dança... Pq- As oficinas eram fixas, tinha um dia fixo? ... En- Então as oficinas, isso é....as oficinas sim elas a gente... Pq- E como é que era a recepção das pessoas, enxia, não enxia? En- Sim, sim depende muito também do...enxia, mas depende de quê? Depende da maneira como você divulga, da seriedade de ter as datas certas e você cumprir, tem que ter uma pouco de, vou usar esse termo, tem que ter um pouco de

profissionalismo, pra dar uma ideia de que a pesar de ser voluntário o princípio ativo da ação que se promove você tem que ter um certo profissionalismo, tem que ter qualidade técnica, então se você vai colocar um cara pra dar aula o cara tem que saber dar a aula, ele tem que sacar do violão, tem que, é um pouco isso, então assim, é po...oficina de violão e aí você começa com dez (10), quinze (15) de depois fica quem realmente quer, porque as vezes o cara começa ali pra ocupar o tempo dele, porque um dos grandes problemas hoje da juventude é o quê, o tempo ocioso então, se você me dizer assim: o que que você acha que tem que ser feito...é criar que ocupem, que qualifiquem, que estimulem o pensamento, que estimulem ações, que estimulem o desenvolvimento físico, sabe aí você pega, pega sabe, a gente discutiu essa questão de integração, de interação esporte, do lazer e da cultura, então esporte lazer e cultura vai andar junto no combate tá, as mazelas que a nossa juventude periférica vivencia, isso na minha opinião é uma... Pq- Acrescentaria uma palavra aí, informação... En- Informação, isso. Bom outra parada que era muito maneira era que a gente começou a criar um vínculo depois com um núcleo chamado, “Núcleo Piratininga de Comunicação”, era uma galera que tem especialidades de mexer com comunicação comunitária, comunicação popular, algumas terminologias, algumas expressões, elas nos são muito caras, valiosas né, essa coisa do popular que é

o que é do dia-a-dia, que é do povão, o que é da maioria da população, então você tem que equacionar as mazelas das opressões, o que a gente recebe que são problemas que nós enfrentemos no dia-a-dia. Nós quem? A juventude periférica. Nós quem? A favela. Nós quem? A comunidade. Né, quem falar em comunidade carente sem conhecer a realidade, quais são as verdadeiras carências está fora de esquadro.

Pq- Eu vi num reportagem do “Brasil de fato” (jornal online cujo entrevistado é um dos idealizadores) tinha uma...

En- Um jornal de comunicação popular...

Pq- Sim, e tinha um jornal chamado acho que “Girassol Comunicações” ...

En- Isso, o “Girassol Comunicações”, a iniciativa do “Girassol Comunicações” que é um coletivo que funciona até hoje, ele nesse de integrantes desse coletivo “Bonde da Cultura” né, é...ali foi uma iniciativa de um morador né, é...ele veio posterior né a ideia de um morador né, que se relacionou com uma chilena né, uma latina americana e tal, e ali eles começam a atuar no lance da...ele já tinha um trabalho, desenvolvia um trabalho com capoeira profissional e tal e ela um trabalho acadêmico que estudava esse lance das redes e comunicação popular comunitária e tal, vinha de um vínculo com um pessoal do Santa Marta (Favela do Rio de Janeiro) onde ela morava e a gente conheceu ela né, e ai um dos integrantes do “Bonde da Cultura” na época começa a se relacionar com ela, ai

inclusive ela veio morar aqui e tal então é...e ai é uma história que tem...ai depois eu posso indicar o nome do camarada é o Marlon e ai, sobre isso você conversa com ele porque é melhor dessa forma entendeu. Mas nasce por dentro ali, a partir da iniciativa do “Bonde da Cultura” mais à frente.

Pq- Voltando a questão do “Bonde da Cultura” como surgiu essa ideia?

En- Então, ai assim, o que é legal dizer né, é que algumas coisas, a gente isso...a ideia surge da necessidade, é aquela básica filosofia do: temos um problema, vamos em primeiro lugar identificar qual é esse problema. Qual é o problema? O que que está nos assolando? O que podemos fazer? Primeiro identificar, e depois o que podemos fazer pra tentar resolver, pra minimizar né, o que dá pra fazer, o que temos de recursos humanos, o que temos de recursos financeiros, como podemos angariar, quem pode nos apoiar e vamos cair para dentro do problema. É, então você começa a ter ali um...criar vínculo né, basicamente ali eu, Marcelo Dierre, Diego Silva, em alguns episódios mais à frente o Marlon, o próprio Marlon; um pouco antes do Marlon a gente já começa a botar a ideia da...o Valdecir, eu costumo dizer que o Valdecir é o fundador do “Bonde da Cultura” é, algumas crianças, a minha companheira era a Mônica que, dava é, po...uma moradora, uma negra linda, maravilhosa, uma pessoa maravilhosa, hoje não é mais minha companheira e que somou muito, ama sua comunidade e, as oficinas eram com ela sabe, aquela

coisa de perceber com aquele carinho materno de pessoa que ama seu lugar, acho que ela trazia muito isso nos papos com a gente, na sua contribuição, então assim, repare que na fala eu tenho que perceber quem é o membro oficial que não é...a gente transita em quem é o membro oficial e quem não é...

Pq- quem é o parceiro...

En- quem é o parceiro porque não era algo formal escrito com estatuto com uma...ô: quem faz parte aqui é a fulana, é a sicrana, a beltrana, não as vezes um diálogo, um bate papo do dia-a-dia, ali na realidade no cotidiano da vivencia na comunidade você vai ter uma contribuição maravilhosa, um parceiro, os parceiros sem os parceiros não dá, eu gostei do termo que você colocou esse é...o diálogo com o pastor da igreja ali da esquina que tinha era fundamental né, o dono da padaria ele vai dar além da contribuição financeira as vezes pra uma oficina, pra um negócio a doação de cachorro quente de pães e tal, ele vai dar conselhos porque ele é pai, ele é morador, então repare como que falta conhecer a realidade, o dia-a-dia de dentro da comunidade pra poder a partir daquilo ai realizar então quer dizer, a pergunta que deu origem a isso que eu estou falando é...como é que é mesmo?

Pq- Como surgiu...

En- Como surgiu então, então temos ali aquela coisa né de somos aqui da comunidade, identificamos uma linha de atuação que é a coisa da cultura, da bandeira da cultura, então ai você

começa a olhar pra sua comunidade e vê que a atuação do poder público se dá pela bala, as escolas né, porque ai se tirarem as escolas ai acabou mesmo o mundo né, as escolas...o posto de saúde, as equipes de saúde da família, essa galera está bem inserida nas comunidades é importante falar isso, porque o agente comunitário de saúde, e eu tinha sido ACS (Agente Comunitário de Saúde) e peguei a parte alta do morro, então eu vi muito da necessidade ali das pessoas né, da nossa comunidade eu moro mais na parte baixa e tal, e conhecer também a disposição, tipo assim, as lideranças expostas ali de cada beco, de cada rua e tal, e conhecer a comunidade estava como a gente chama, “estava tudo palmeado”, aqui tem tal atividade, aqui não tem nada, ali tem um bar, ali tem...então ai agente falou assim ô, então gente, acho que a melhor maneira trazer informação, formação, fomentação e vida, fazer o sangue circular né, fortalecendo o como se ver né, tinha muito isso, o como se ver, isso vale pra um ser humano, pra um indivíduo, se eu não me vejo como alguém que pode mudar a realidade pra melhor né, o ter sempre esperança como um valor fundamental, a gente não muda. Então a gente falou, é cultura, a bandeira da cultura, a valorização do esporte, as coisas boas, as coisas que nos dão vida e ai pegamos a cultura, e ai quem poderia? O que você sabe fazer? Então as vezes as pessoas que acham que não podem...eu não posso...é....a, eu não sou capaz disso...nosso

papo era assim, todos nós temos um potencial artístico. E ai a gente estabelece como alvo o quê? Ô a comunidade, o Jorge Turco ele é muito conhecido pela sua violência, pela guerra das facções, ele é conhecido porque, um período o Jorge Turco estava com uma fama boa no mundo do funk né, o funk da antiga na época que era, as brigas nos bailes eram uma forma do quê? Das juventudes das comunidades elevarem o nome das suas comunidades, isso era então uma valorização da identidade favelada do seu lugar de origem né, então a gente também falava muito disso, a gente pegou essa forma de pensar com algo importante né, então vamos fortalecer isso, como fortalecer, começamos a aparecer na mídia da visibilidade, mostrando as coisas positivar da comunidade. Ai o que que a gente fez, ó, temos que dialogar então com gente pra fora da comunidade pessoas de fora, e ai começamos a atuar em quê? Além de encantar e falar ó, somos artistas aqui da comunidade, frequentar outras comunidades, frequentar a academia, buscar relação com outros movimentos sociais, com outros coletivos, trazer pessoas de outros movimentos sociais na comunidade, vamos dar um rolê até a caixa d’água (caixa d’água que fica no topo do morro do Jorge Turco e é simbólica para os moradores) nós trouxemos, nós fizemos...e ai surgiu até uma terminologia que era assim, a o “Jorge tour”, o “Jorge tour”, vamos po...fizemos isso, vejo a galera falando hoje em turismo em favela, po 2009 a

gente já estava fazendo isso, ou seja, mostrando que a favela tem um potencial enorme, tem um potencial artístico, mostrando que, que nós não somos...que se nos dizem preconceituosamente que po a favela...nós temos, podemos pegar coo exemplo ex-governador que dizia: a mãe da periferia é uma fábrica de bandidos, pelo amor de Deus, você não vai ter zero virgula cinco(0,5), você não vai tem nem um por cento (1%) de uma comunidade, a nossa comunidade ela tem o quê? Ai você pode delimitar o que seria Jorge Turco que não é uma...vamos trabalhar com interno de dez mil habitantes (10.000 ha) po querida, não são um por cento (1%) disso, que é o que, seria cem (100), po você não teria cem (100) pessoas envolvidas com o tráfico de drogas, na nossa comunidade, né dez mil (10.000), mil (1.000) é dez por cento (10%), cem (100) um por cento (1%), você não tem cem (100) pessoas que são do tráfico de drogas, então vamos equacionar direito isso ai. Então assim, isso é muito importante, esse lance do, estamos na mídia com uma imagem ruim, isso era “norte” nessa...no como surge esse “Bonde de Cultura” um coletivo que vai passar a atuar fomentando cultura de resistência valorizando a identidade, trazendo uma reflexão diferenciada, pautada na resistência a opressão, os preconceitos né, na valorização da capacidade do indivíduo que é da localidade, então era “norte” e o alvo né tipo assim, vamos mostrar uma verdadeira imagem, vamos mostrar uma capacidade que nós



temos que muitas vezes é escondida, então a gente já pegava uma coisa que está muito em moda ai que é essa coisa de, vamos fazer um projeto de cultura, vamos fazer um projeto tal, é... mas o que que precisa, precisa do dinheiro, precisa de uma sede, precisa...precisa! Com dinheiro é melhor, vai funcionar, vai ajudar, precisa de uma sede? Precisa de uma sede mas porr...tem espaço vazio, tem a rua, tem a praça e precisa de quê? Precisa de uma concepção, de uma avaliação correta de qual é o problema. Precisa de combater o preconceito? Sim, porque esse preconceito ele diminui o jovem, estão você tem que valorizar a percepção daquele jovem quanto morador de comunidade, de favela, e ai favela a gente usa como um sentido de resistência que é algo histórico, nós vivemos num país que tem uma história de colonização, que é um país de escravidão, que é um país de pegar, não o debate...a situação da classe, da raça (ele interrompe a entrevista pra cumprimentar um amigo) um país onde a questão da classe, da raça é imbricada, aonde você tem preconceito de raça e de classe e a gente tem que levar essa reflexão pra dentro de onde o problema mais se expressa então a gente também entendia isso, ai você precisa de uma compreensão teórica e prática né, um entendimento da que é isso, que escreveu, quem falou, quem vivencia isso e vamos chamar a galera: galera é isso, então também tinha nessa transição, o CECINO, o “Bonde da Cultura” né, vamos construir

nossas letras, vamos construir nossas ações e tal, mas com formação política é outra coisa que não pode faltar. Então se eu vou fazer um projeto e eu não debato a questão da formação política, no bom termo da palavra política é sempre importante falar porque política está ligado a politicagem, a venda de votos, a quase que um retorno do coronelismo né, ai esse mecanismo de fazer política aonde o morador não tem mais moral, porque pra você pedi um conserto de luz pra sua comunidade você precisa está vinculado a um grupo político se não o poder público não te atende, ele vai ligar lá pro vereador da área, ai o vereador deixa de ser o elaborador de leis e ser o fiscalizador executivo da sua cidade e passa a ser o cara que determina se tal política pública vai ou não, se ele tiver uma liderança que seja...isso que eu estou falando aqui, isso tem que ser falado na televisão porque isso é uma mazela na realidade social das nossas comunidades da nossa... sobretudo na parte mais pobre da população que é assim, as políticas públicas só chegam se tiver o dedo de político regional, do político da região entendeu, então isso também era uma leitura que se fazia daquela realidade avaliando o problema e como vamos agir. Então respondendo ai o que você coloca: como surge e tal eu poderia dizer assim, a gente começa, começa a nos incomodar muito esse lance da violência, ai a gente só é expressado, é visto como quem sobre ou quem produz essa violência e tipo assim, diante disso

que vocês estão sofrendo, o que que vocês fazem, não está tendo voz, então é uma indignação, um sentimento de indignação que nos faz pensar, se não estão dando voz, então vamos gritar. Eu recordo, a gente enquanto “Bonde da Cultura”, CECINO, a gente indo pra...na época cara, teve um lance dos fóruns das cidades, fórum mundial das cidades se eu não me engano dois mil e oito (2008), dois mil e nove (2009), dois mil e dez (2010) e ai tinha uns fóruns paralelos que é assim, porque muito se faz né, como diz a música, um filósofo: “pra inglês ver” , pra galera ver a maquiagem da realidade da “cidade maravilhosa” então a galera faz coisas assim, meio que alternativos, os fóruns alternativos e tal, e me recordo num fórum mundial urbano, ai tem um pouco a ver com arquitetura e tal e gente sendo chamado como um coletivo de rap de comunidade, a gente é bastante pioneiro nesse lance das coisas de ser de rap de resistência, desse tal de coletivo comunitário, coletivo revolucionário, no sentido de estamos preocupados com o sentido das mudanças estruturais né, da nossa sociedade, revolucionários nesse sentido, então a gente meio que vinha com essa, a gente começo a ter nessa transição, nesse se estabelecer no “Bonde da Cultura” nesse coletivo de fomentação cultural né, um coletivo comunitário de fomentação cultural, um coletivo comunitário de resistência. E ai, pra você ter ideia, a gente atuou meio que, muito pesado durante cinco anos (5) mostrando que era possível jovens de comunidade

ter uma visibilidade pra mídia né, pra, claro dentro das limitações, que ai alguns conglomerados midiáticos não tem interesse de dar visibilidade a isso, mas pra quem deu, e a gente conseguiu falar muito bem, eu duvido que ali dois mil e nove (2009), dois mil e catorze (2014) né, sobretudo dois mil e nove (2009), dois mil e onze (2011), dois mil e doze (2012)...querida! Eu quero saber dar comunidades quem não...da galera que fazia cultua de resistência, quem não conhecia o “Bonde da Cultura”, a gente...eu cheguei a dar entrevista pra...em manifestações e tal, pra rede internacional, falei pra Venezuela, eu falei pra França, eu falei pra...e era isso, então vai desde o Jorge tour a realização de evento de dia das mães, a cine clube, a aula de violão, a resgate de festas tradicionais. Ali na rua Arapeí com a Guará tinha um arraíá de festa junina muito tradicional na década de oitenta, nós valorizamos isso, nós revalorizamos isso. Nós trouxemos quadrilha do morro, o moço aqui que nós falemos aqui o seu Rubens, quadrilha Asa branca da comunidade, vamos dialogar com seu...vamos colocar lá pra tocar, vamos colocar lá pra dançar. A quadrilha é cultura, cultura na comunidade, é criando espaço pro jovem da comunidade se apresentar, se perceber como um ator social, um artista no mais puro entendimento da palavra e ai trazemos também um quadrilha mais conhecida com uma visibilidade mais e tal que era a “Levanta a poeira” e tal; trouxemos um ator global, eu posso dizer que, o

“Bonde da cultura” foi o primeiro a trazer um ator global publicamente na comunidade que foi o Stepan Nercessian né, que fez ai o Chacrinha agora recentemente, nós nesse evento, que foi o resgate do arraíá, que foi um dia meio que histórico pra gente que foi em dois mil e nove (2009), isso foi agosto de dois mil e nove (2009), foi uma mega festa, a gente fez uma coisa muito importante que foi o...nós apresentamos pra comunidade, ai foi quando eu saí da faculdade de história, me formei em história, achava que um coisa básica era a galera conhecer quem foi o Jorge Turco, nós apresentamos uma cara grande de uma foto de jornal com o rosto do Jorge Turco, o povo não sabia: o Jorge Turca era branco? Era negro... Pq- Você perguntou pro pessoal se eles conheciam e tal En- Não então, alguns moradores aqui na comunidade chegaram a ver o Jorge Turco então eu dizia assim: pô a galera não sabe se o Jorge Turco é branco, se é negro, se ele era turco realmente; ele era Sírio-libanês na verdade, esse termo turco porque era praxe dizer que o cara ali da Síria, do Líbano era turco e a galera, muito, muito não, a maioria não sabiam distinguir: não, foi um bandido do passado, mas um morador mais antigo chegou a ver, eu conversei com uma senhora também, até do famoso “Jájá” de baile, ela falou: Júlio eu fui no dia na casa, quando ele foi assassinado. Então o Jorge Turco, cuja comunidade recebe o nome, ele foi assassinado, ele não era turco, ele era branco,

não era negro, não era bandido, ele era comerciante, um jornalista então, a importância de ir difundindo isso. Agora muitas coisas eu não pude fazer, muita coisa a gente fez, fez com mais plenitude e outras a gente tinha projeto de realizar, ai destro daquela coisa, não tem um...os projetos, as ações de comunidade muitas vezes a gente não tem a expertise, o no-hall da parada de como você por exemplo...expertise de conquistar recursos que eu me refiro, pra poder você melhorar aquilo que você pretende fazer entende, com é importante fazer, então qualificar nesse sentido também é muito importante preparar a galera pra aprender a... Pq- Angariar fundos... En- Angariar fundos, entendeu, isso é uma coisa. Então assim, acho que nessa caminhada ai que a gente deu... Pq- Vocês se intitulavam como ONG por exemplo? En- Não! Não! A gente até, eu posso dizer assim, chegamos a correr um pouco dessa... Pq- desse título? En- É, porque como era uma atuação ali a linha tênue do formal e do informal né, do realizo por conta própria e do estou em busca do recurso pá...e tinha aquele estigma de que ONG era uma coisa só pra ganha dinheiro, tinha muito “maracutaia”, a gente pra preservar também, e ai um pouco de ignorância talvez, pra preservar...mas se debate isso, conversava sobre isso, mas pra preservar toda a idoneidade, a moral, do coletivo, o discurso tem que ser não, não podemos estar envolvidos

com coisa...e falta também de habilidade de saber lidar com finanças mesmo, a gente era um bando de jovens querendo da melhor maneira contribuir com a comunidade. Então não éramos organizados formalmente...

Pq- Eu pergunto porque assim, nessa época dois mil e doze (2012, 13, 14), abriram-se muito editais para ONGS, e isso ajudaria a sustentar...

En- Olha, faltou um pouco de maturidade...

Pq- Nesse sentido?

En- É. De conseguir angariar fundos públicos pô, não há nada de ilegal nisso, nada de ilegal. Eu acho que as coisas estão melhorando aí no geral nesse sentido agora a galera se preparando e tal...

Pq- A questão também até das próprias pessoas idealizadoras terem essa maturidade né...

En- Sim! Exatamente. Nos faltou um pouco sim, porque realmente, essa coisa do auto recurso, do custeio ele acaba tendo muita dificuldade, você demanda tempo e trabalho pra arrecadar aquilo, pra fazer aquilo, você se limita um pouco, tu vai ter essa morar, essa dignidade e vai poder falar: não, nunca peguei recurso público, mas até aonde né esse discurso ele não nos atrapalha...

Pq- E é um direito nosso...

En- direito nosso, estamos falando de recurso público pra direcionar pra coisas importantes...

Pq- é uma maneira de dizer pra onde vai esse dinheiro, esse dinheiro vem pra cá...

En- Exatamente!

Pq- Então, o Bonde da cultura resumidamente

assim, quais eram as ações dele, era rap, era teatro...?

En- Isso, poxa um peccadão que eu cometi aqui foi na hora de falar do Novo Oriente e do transição desse coisa, o Novo Oriente como embrião do Bonde da Cultura, olha essa entrevista ela é importante pra mim também depois hein, pô se...É, o que que acontece, eu esqueci de falar do grupo de teatro que o Diego Silva que era o cara do Muay Thai aí ele traz ali, ele dialogo com um cara chamado Yuri, morador também, o Yuri e aí o Yuri fica como diretor do teatro e o Diego como codiretor e tal, a faz ali um trabalho...que pecado meu esquecer isso, o teatro foi fundamental, podemos começar falando do teatro. Cara, o teatro dava moral junto aos pais das crianças, dos adolescentes ali em torno do espaço do Novo Oriente, rua Arapeí, número onze. Só que, é isso que a gente tem que entender como os porquês né, e eu talvez não consiga fazer uma leitura plena, mais o “pulo de gato” é aí, a gente...quando eu falei pra você que a gente começa a dialogar com o externo, com os movimentos, também ganhar uma visibilidade externa pra poder não só legitimar com o pessoal do interior da comunidade, mas pra poder dar uma visibilidade maior a favela, os jovens da favela fazem algo positivo, então, ou seja, nesse período transitório aonde a gente começa a implementar isso, a gente acaba se descuidando ou tendo que priorizar algumas coisas, aí nessa caminhada o grupo de teatro começa a se deses-

truturar, começa a não acontecer, fica uma coisa pontual de eventos, de se apresentar nas igrejas, a gente já tinha, nas igrejas e em outros espaços, na rua. A gente teve...

Pq- Existia um espaço físico pra ensaiar...

En- Sim, na parte de cima, do segundo andar do Novo Oriente que era também onde acontecia o Muay Thai. O Yuri conseguiu fazer lá ficar quase como um espaço, como um mini teatro.

Pq- E o que que ele colocou lá...

En- ah ele colocou uma lona, um pano preto e várias cadeiras e foi o maior teatro que eu ouvi dizer que já houve na nossa comunidade, sabe porque, porque era algo que estava sendo num prédio da comunidade, não tinha recurso público, era algo nosso, era algo feito com o que nós temos, com o que dá e era muito verdadeiro, era muito original, sabe essa é a melhor palavra, então assim, o público chegou junto, os pais, sobretudo os pais das crianças. Aí na festa por exemplo que a gente já fez muito ampla, e aí mais ou menos mil e quinhentas (1500) pessoas passaram pela festa ali na rotatividade do fim de semana, muita gente viu as apresentações do grupo de teatro, e aí assim eu tenho até que procurar esse material nos computadores, nos HDs aí da vida, e...então você começa a ter que priorizar cara, aí é muita coisa pra se fazer, é por isso que eu falo: formação político no sentido de você saber organizar, formação política ou formação administrativa, eu não sei, tem que ter técnica de organização pra

começar a dar conta, e também entender que tu não vai dar conta de tudo, você não vai agradar a todos entendeu, então eu acho que...e aquilo foi algo momentâneo, você fala par mim: pô, e o Bonde da cultura, eu tenho até falado com algumas pessoas que participaram, pô o bonde foi algo que aconteceu ali no tempo, tipo já deu, agora vamos fazer uma outra versão, outra parada, vamos...o que hoje chama muito a expertise né, no-hall da parada a gente chegar aqui, falar um pouco dessa vivência que nós tivemos enquanto moradores que de alguma maneira se movimentaram no sentido de tentar algo, já é uma coisa legal, porque a ideia é, compartilhar essa informação, essa experiência e tal, e ver quem tá fazendo. Eu acho que, até uma colocação importante a se fazer é que a gente já tinha uma ideia da importância do espaço das igrejas evangélicas sobretudo nas suas variadas denominações e tal, que a juventude estava ali e também estava produzindo, então é uma parada interessante pra se pensar, a é o “teatro do mundo” e como é que é isso, as vezes o jovem tem um vínculo com a igreja com a denominação, os pais são evangélicos: a não, mais é um negócio legal que está tendo ali, oficina, a esta tendo teatro, contação de história, a esta tendo reforço escolar, está tendo um cineclube, está tendo passeio, então é...palestra pro futebol porque o Valdecir também mexia com o lance do futebol, então já dei palestra pros jogadores do time que era o time do Jorge Turco e tal...

Pq- E como é que esta isso hoje, passou?

En- Não! Então passou...

Pq- As atividades não...

En- Não! Não! É como eu falei agora nessa última fala, foi algo no tempo...

Pq- e como é que foi acabando assim, foi por conta de dinheiro, de tempo...

En- Não, posso dizer assim, um pouco de tudo né, eu costume dizer que, uma série de fatores explica um acontecimento em algo né, em tudo na vida, uma série de fatores explica, nunca uma coisa só vai determinar. Então é, mas é o seguinte: aí um vai casar, o outro vai começar a estudar, o outro vai trabalhar, o outro vai, a vida vai seguindo e as coisas vão acontecendo e eu acho que, sim! A falta de recurso...porque tem que trabalhar, trabalhar sendo remunerado então não vai dar pra fazer o trabalho voluntário...

Pq- Essa que é a questão, a minha opinião é essa, eu acho que como uma iniciativa de vocês foi fundamental, mas pra aquilo crescer, e eu acho que era fundamental que ainda tivesse vivo isso, vocês precisavam de um apoio financeiro.

En- Pô então eu vou fazer das suas palavras as minhas e legitimar a nossa entrevista aqui e é isso, faltou...

Pq- e é justo você ganhar um salário pelo que você está fazendo, mas é um trabalho que precisa de uma dedicação as vezes de mais de oito horas por dia.

En- Sim! Sim! Sim!

Pq- Acho que esse pensamento tem que ser desconstruído de que ONG, e que você está pegando dinheiro de não sei o que...

En- Sim, projetos comunitários...

Pq- vocês estão trabalhando com uma função pela comunidade, então vocês tem o direito de receber por isso, o de criar uma estrutura melhor pra que isso perdure, porque não tem como você fazer isso pra sempre tendo que trabalhar, sustentar sua família e etc.

En- Estou me recordando que isso foi falado inclusive em reuniões que fizemos, a necessidade de criação de escala, de quem vai ficar, quem vai abrir até que horas, vamos fazer uma escala porque tem que trabalhar tem que...é isso, acho que a falta de recurso.

Pq- quando você tem um trabalho e tem aquilo, mesmo que aquilo seja importante, você vai dar mais prioridade a responsabilidade com o seu trabalho.

En- Queria só falar mais uma coisa da importância dessa relação com outras instituições, coletivos e ações também. Aí começamos a vez por exemplo, eu foi me tornar membro da Associação de moradores de Coelho Neto porque tinha um espaço ali na Aceguá, ali em Coelho Neto que era também um espaço que fomentava cultura, que abria espaço pra ONG, rádio comunitária, abriu um espaço pra Associação de moradores, tinha o Jiu-jitsu, tinha uma ONG lá, “Fabricando empresários” que fazia negócio com a arte. Tinha um camara-

da chamado Paulo Dam, que era uma liderança também, ai tinha um movimento também do cine Guaraci, “Movimento Pró Cine Guaraci” que de vez em quando estava fazendo eventos ai a gente ia se apresentar, ai eu lembro que o movimento “Pró Cine Guaraci” fez uma caminhada pela paz e cultura, cultura de paz, na verdade era em busca da paz, utilizando a cultura, então a gente também pensava um pouco da cultura na região. Ai se discutia o resgate do Cine Guaraci.

Pq- Você fez parte do movimento do Cine Guaraci?

En- Fiz! Da galera que era uma segunda geração do movimento que vem lá do traz

Pq- Da primeira geração você sabe que ano ela foi iniciada?

En- Poxa cara, eu posso perguntar as pessoas que fazem parte da segunda geração mas que também fizeram parte do primeiro momento, acho que não seria legal primeira geração, segunda geração, mas um primeiro momento, uma primeira atuação, porque nesse segundo momento aqueles caras lá da...fizeram parte. A gente pode ver isso ai, agora esse segundo momento eu posso dizer que, a gente tem o 2009, o 2010 como aspe, ou seja, em torno de dez anos atrás.

Pq- E o que que queria este movimento?

En- Então, eu como membro do Bonde da cultura, como alguém do Jorge Turco e tal, que cantava que era do rap, do funk, do hip-hop, da biblioteca comunitária era importante a minha voz lá e a

gente se identificou, porque se uma penso cultura na comunidade como instrumento de favorecer o jovem na sua resistência, na sua vida, de melhorar a sociedade. É, o movimento Cine Guaraci pensava isso também de maneira ampla, pra região, e ali tinham caras de vários bairros né...

Pq- Pode citar alguns?

En- Sim. Tinha o Edil e Arnaldo Pimenta de Honório, Amauri Vagner de Rocha Miranda com Pedro Celestino, o Quinha que é o Humberto, hoje está até ia na organização que é do “Viradão suburbano”, a Doracir que era uma assistente social responsável pelo antigo prédio que hoje virou moradia que era o prédio do SASI, o famoso beco do SASI ali, ela era uma assistente social com projeto no Complexo de Acarí, já havia sido conselheira, era conselheira tutelar...então o Amarelinho no Complexo de Acarí, já era de outra região administrativa, interagia; tinha a Mirian uma latino-americana da Fazenda Botafogo, o próprio Paulo Dam da Fazenda Botafogo que trazia um outro acúmulo, vem lá da época, da criação da Fazenda Botafogo/Acarí da estação da luta pelo Rio. Então tinha a interlocução porque ele também era Agente Comunitário de Saúde; ai tinha uma interlocução da galera da saúde nas comunidades ele era ACS eu era ACS, com a galera do Serviço Social e da cultura entendeu, esse pessoal de Rocha Miranda, são pessoas importantes porque essa galera vem desde a época que tinha em Rocha Miranda e tinha os festivais de rock eles participaram da

organização do festival de rock, então a gente vê a importância da rede...

Pq- Onde aconteciam esses festivais?

En- Na Praça de Rocha Miranda (Praça Oito de Maio), e ali eles tinham outros Jornais, tinha o Antônio pô, não posso esquecer do Antônio entendeu, tem o Zé Mauro, vou citar fora da entrevista pra você, o Zé Mauro que ai já tem projeto, uma coisa mais organizada...

Pq- A galera do movimento não era só a galera de Rocha Miranda...

En- Não!

Pq- Era a galera do entorno...

En- Isso! Isso ai. Isso é fundamental. Como é que o Julião do Jorge Turco foi parar lá? Eu fui parar lá porque começou a ter aquela coisa dos e-mails, na época ainda tinha Orkut ai depois foi início do Facebook, então era pra além de Rocha Miranda...

Pq- Bem dizer das favelas de Rocha Miranda que são algumas, você era o único representante das favelas de Rocha Miranda?

En- Sim. Com aquele slogan “sou favela” era eu. A Doracir também.

Pq- Você conhece nessas favelas de Rocha Miranda outros projetos nesse sentido?

En- Então, vamos lá, tem sim cara, a coisas acho que é esse problema de não ter muita visibilidade de falta de no-hall pra adquirir o recurso e manter ou expandir o seu projeto acontece com todo mundo, mas tem algumas coisas acontecendo, acho que, em termos de favela mesmo, dentro da

comunidade a gente tem duas coisas acontecendo hoje que estão se generalizando, que é importante falar, é o grupo de bate-bolas e o grupo de funk da antiga, é um resgate cultural, é uma demarcação de identidade tudo dentro daqueles termos que eu coloquei, na visão do Bonde da cultura, então vamos lá, agora, muita coisa deixou de acontecer; nós tínhamos ali em Honório Gurgel um espaço ali de Galpão que fazia cultura que está meio parado, mas você consegue ter contato com pessoas que atuaram ali. Em Rocha Miranda tinha uma galera, que inclusive eram do movimento Cine Guaraci que tinham um bloco do Faz Quem Quer (favela próxima) um bloco de...bloco carnavalesco nós conhecemos, o Edil deve ter o contato, nós tínhamos e ainda temos, e ai onde estão essas pessoas; na própria época aqui aonde era o beco da SASI que é onde eu falei que o movimento... não cheguei nem a falar isso legal, o movimento Guaraci passou a ter até um espaço, uma sala que era do movimento aqui, na época funcionou, estava na mão da LUB (Liga Urbana de Basquete), a grande liderança era um líder negro, é assim que nós temos que falar do nossos grandes líderes favelados e tal, que era o Filó, o Dom Filó, se jogar, se pesquisar, não sei se você já ouviu falar, o cara tem uma estrada de luta no movimento negro de favela no basquete urbano, hip-hop, acervo digital de coisa de funk antigo, o Filó é daquela época do início lá de funk de Soul music, da Black music, um dos embrionário do funk carioca então...ai tinha um

projeto...isso é importante o que eu estou falando porque, vai cair onde está essa sua pergunta que é o lance dessa rede se conhecer, é o lance de que a galera que fomenta cultura na região conhecer, é da visibilidade a outro problema, a rede faz ter visibilidade um as outro, ao projeto do outro; e ai essa iniciativa que tinha lá na Aceguá aonde era o Instituto Cidadão que o Paulo era...Instituto de Cidadania...tinha um nome lá me fugiu agora eu posso ver isso; MASP, Movimento amigos da... MASC, Movimento Amigos da Sociedade Cidadã... MASC SESAC, porque SESAC já era a parte ONG que ele já tinha vínculo e tinha uma parada de indígenas e tal, e lá ele fazia...era um agregador dos trabalhos voluntários e da ONG, era uma rede, eu posso falar que muita propriedade que o Paulo foi muito, o Paulo Dam foi muito pioneiro nisso aqui na região, que a construção de rede, da rede que dialogava esses projetos que vão desde a comunicação popular, o pré-vestibular comunitário e... Pq- Esse movimento reunia esse pessoal? En- Reunia essa galera e é um exemplo do que falta hoje, do que é uma das coisas que tem que ter, que é esse diálogo das redes, de um conhecer o projeto do outro, abrir espaço na roda de conversa pra você falar o que você era. Eu sou o Julião, sou do Jorge Turco, sou do CECINO, ai tenho um coletivo de rap, o Bonde da cultura e tal; é que eu não gostava de limitar o Bonde da Cultura propriamente a um grupo de rap, eu prefiro dizer que era um coletivo de resistência, um coletivo comunitá-

rio...

Pq- Vocês também faziam rap, mas faziam outras coisas.

En- Sim! Era o “carro chefe”, se tornou o “carro chefe” ai acabou que na visibilidade que a gente tinha, deve esta ai no You Tube essa coisas os nosso shows, naquele período áureo vamos dizer nesses cinco (05) anos ai dois mil e nove (2009), dois mil e catorze (2014), porque era uma forma... estou misturando tudo aqui mas depois você ajeita a salada, era uma forma da gente se legitimar estado numa faculdade, estando num outra comunidade: eu sou o Julião do Bonde da cultura do Jorge Turco, ai você joga lá na internet vai ver entrevista, vai ver vídeo, vai ver várias coisas né, ai...

Pq- Era uma maneira de divulgação né.

En- Uma maneira de divulgação e tal, uma maneira de dar visibilidade aquela sua luta, aquilo que você pregou como ativista, e assim, ai como você perguntou, hoje ai tem; então a gente está com essa dificuldade. Eu falo muito nos encontros algumas redes que existem e ai a gente tem que também bater palma quando o poder público vai meio que na linha certa então, aqui na nossa comunidade, está aqui, estamos adiante aqui, aqui tem o José Carlos Campos do CRAS, que eu falei que na época a gente né, os pedagogos, os assistentes batiam papo com a gente, o José Carlos Campos inclusive era chamada de “gringo” era nosso vizinho lá, tinha vínculo há anos atrás



com o Novo Oriente, era um morador dali foi assassinado né, falar o CRAS JCC as pessoas não sabem ele era o idealizador e realizador principal do Arraiá que eu te falei lá no largo da Guaré com a Arapeí, isso é legal, é muito legal a gente tornar esses conteúdos públicos que dão link umas coisas as outras; e o pessoal do CRAS, dos CRAS das redes de CRAS da região se divide a quinta, tem uma terminologia que agrega os CRAS porque os CRAS tem um espaço de cultura, você tem o agente educador, o agente de cultura o agente de ação dos CRAS então, e as redes de conversa, redes dos CRAS, redes territoriais, elas hoje são um grande espaço hoje, dentro da esfera pública que permite a galera dialogar e tem como eu sempre digo, os informais, paralelos, ai estou no grupo do “Viradão Cultural Suburbano”, ai tem a galera do Vi...ai nessas galeras de reunião de cultura do subúrbio, ai você tem muito essa galera que vem do samba, que vem...porque era a musicalidade, era a arte de resistência modo antigo, hoje você tem muito coletivo de hip-hop, hoje você tem muito...ai tem a praça que tem hip-hop, as rodas de rimas, rodas de cultura de Coelho Neto, ai começou primeiro com a Fazenda Botafogo que ai tem um espaço maravilhoso lá que funciona no antigo, lá no Leão XIII me fugiu...mas é a galera do...gente! é o Mauro com “Phabrik de Artes”.

Pq- Na Fazenda Botafogo?

En- Na Fazenda Botafogo então, você vai se espantar você entra e o lugar...ai faz sarau, tem

debate de cinema, mantem grupo de teatro, tem aquele “team leader”, tem...é uma parada assim “maneirassa”, estruturado mas que era o modelo embrionário do Bonde da Cultura fazer com o próprio recurso valorizar a arte e tal...ai você começa a encontrar esses camaradas ai você fala: não estou sozinho, ai o cara fomenta o...a galera de funk da antiga da Fazenda Botafogo começa ali, fazendo as reuniões ali, porque ele também era fanqueiro, era criador da Fazenda e tal então, o círculo ele é muito familiar, ele é como: porr...você também está por aqui e tal então, a galera vai se encontrando. É o nosso caso, uma mina é cria, é moradora, é da UFRJ, se interessa pela temática, pensa num projeto de cultura e tal, então, é todo mundo junto, essas paradas tem mais que nos unir do que nos dividir, e ai eu estava falando assim, pra concluir esse lance...ai as redes sociais ajudar também a gente a se conhecer e os eventos que ocorrem seja da prefeitura ou não, então você tem que ir nos espaços, tem que buscar. Ai então vamos lá a Fazenda Botafogo com Phabrik de Artes tem que ser citado, a não é propriamente uma favela mas é um comunidade, uma galera Fazenda Botafogo, é citei a galera do funk da antiga, eu tenho que ser justo e ser desapegado de orgulho e tal por conta de divergências pessoais, eu tenho que citar por exemplo o trabalho que o Marlon que foi membro, eu a gente não está autorizado a falar como um membro fundador ali ou alguém que... pelo bonde, ele escolheu o caminho dele com a

parada do Girassol, mas por exemplo o trabalho que ele desenvolve na comunidade, ele dá aula, o lance da capoeira tradicional, tem todo um respeito a essa coisa da valorização da cultura negra, capoeira tradicional que hoje ele é o mestre, foi reconhecido, eu acompanhei um pouco desta trajetória, então é o capoeira de “Filho de Angola” então dá aula dentro de Associação de moradores, tá na comunidade, tá pegando um conhecimento que ele adquiriu na caminhada da vida e trazendo pra sua comunidade, isso é maravilhoso então não tem como negar, é uma iniciativa a ser citada, o funk da antiga como eu te falei, a cultura do bate-bola, o Faveleira de Acari a galera lá, ai vem o Pingo de rap, o Wesley que hoje está na França, porque era uma galera que eu citei, lembra a Doracir? Que era do Amarelinho, tinha um projeto lá também, ai tinha o “Delei” de Acari então, são lideranças antigas que dão espaços pra esses novos, o Valdecir foi um pouco isso, foi o que o “Delei” foi lá só que o “Delei” já foi poeta, publicou livro agora recentemente e tal, então Faveleira no Acari, então é, e ai eu deixa como conselho assim, procurar a Associação, vê quem está fazendo, aqui na Ururai tem a galera que tem esse...as Lonas cara, eu tenho que falar das Lonas também, Lonas Culturais gente que está fazendo. A gente tem a Lona de Anchieta, perdão de Guadalupe, tem a Lona da Pavuna e a Lona de Vista Alegre como referências de coletivo...ai é uma coisa mais ampla...

Pq- Da Pavuna é o Lona Jovelina Pérola Negra?

En- Isso. As Lonas, tem uma rede legal. Você tem ali perto do metrô de Engenheiro Rubens Paiva, tem o Rongo que meche com cultura, aqui na comunidade tem...ai não é propriamente cultura né, mas tem um projeto falando de ONG, ali onde era o posto de saúde que também era um grupo...

Pq- Projeto Transforme?

En- Projeto transforme. E ai você tem um grupo que fomentava cultura dentro da Clínica da Família, dos ACS's na época eu fiz parte do grupo de teatro dos ACS's e tal porque são iniciativas que tem nas comunidades que hoje não tem visibilidade e a galera está fomentando cultura.

Pq- Às vezes não tem visibilidade na própria comunidade, por exemplo, eu estou sabendo agora de muita coisa que eu não sabia antes.

En- Exatamente.

Pq- Eu queria saber como é que era a aceitação do pessoal que usava esses equipamentos...

En- Sempre muito muito boa, sempre os pais, a comunidade. Eu costumo dizer que, quem trabalha com cultura, educação, saúde sobretudo, cultura, educação e saúde, tem passe livre, tem meio que uma coisa, tem uma liberdade meio que diante dessa guerra das facções que nos assolam, a gente meio que tem uma bandeira branca pintada a nossa frente e a galera respeita, saúde, educação e cultura a galera respeita muito, muito...

Pq- E como é essa divulgação com o pessoal, é boca-a-boca, vocês vão na casa...

En- Olha, cara desde quando a gente começa

muitas redes sociais e ai por exemplo, falando em divulgação, a gente tinha o Bonde da Cultura, CECINO, a gente tinha a noite do rap combativo, noite do blues, porr...o nosso evento durante... porque assim, ai você tem que considerar também umas paradas e ai como você começa a projetar a parada pra fora você vai ter gente de outras comunidades...ai tem a galera que quer porr... fumar, ai você está com trabalho que as vezes é com criança, ai não vai pô...esse debate, é que é assunto filha pra uma vida inteira mas eu...

Pq- Mas tem uma boa aceitação?

En- Tem! Tem sempre uma boa aceitação porque assim: deixa eu ver se isso ai está querendo fazer o bem, quais são os benefícios? Meu filho vai ocupar o tempo? Á é legal. Á meu filho vai fazer uma aula da Muay Thai, vai aprender um computador pô legal, meu filho vai andar com o cara que é músico, então o pai, a mãe, o morador ele quer saber o benefício que tem, e se o discurso é bom, é real e o intuito sabe é legal a galera aceito entendeu e ai assim, divulgação nós colávamos coisas nos postes entendeu, faz num A4 e imprime e divulga, e faz lá gasta trinta (30) reais e vamos lá; me recordo várias vezes a gente do Bonde da Cultura colando panfleto, panfletagem e ai você vê, eu era responsável pela distribuição do Brasil de Fato em Coelho Neto, eu era especialista em panfletagem, já veio gente aqui procurar a gente na época que o CECINO era pá...ai os caras queriam divulgar cursos preparatórios e o cacet...a

quatro, ai preparatório pra não sei o que é lá e ao invés de procurar a Associação de Moradores que tinha um presidente que era o Binho na época e o vice era o Valdecir, ai o Valdecir ficava em um (01), a gente pode dizer que tem três (03) espaços públicos na comunidade importantes bem no coração ali que é o CECINO na Arapeí, isso é importante pra caramba o que eu estou falando, o prédio onde funcionava a Clínica...o Posto de Saúde da Família, centro principal de saúde, Morro União, Bairro União agora Clínica né da família Cipriano das Chagas que é do outro lado da rua agora, foi toda uma luta e tal, ai a gente encontra o Bonde da Cultura também participou e o prédio da Associação de Moradores; então são três espaços importantes e eles, esses três espaços que eu estava falando... (som externo alto) que que você perguntou, você perguntou sobre o...

Pq- Sobre o Cine Guaraci, como está o movimento hoje? Vocês conquistaram alguma coisa, conseguiram alguma coisa...

En- pô teve alguns avanços, o último...na época a gente conseguiu trazer o cara que era o Ministro da Cultura em Rocha Miranda, me fugiu o nome dele. O movimento estava ganhando força, dialogava com alguns mandatos mas assim, eu me lembro com o diálogo do mandato do presidente da...na época já era presidente se eu não me engano, da comissão de cultura da câmara municipal, vereador Raymond ele vinha aqui conversava com a gente a....

Pq- e a ideia era o quê, voltar a ser um cinema ou uma nova roupagem...

En- primeiro que já tinha tido ali, era uma...voltar a ser uma nova roupagem, mas que não deixasse de ter o cinema e salvo o engano ali era cinema e teatro a atuação ela num período foi cinema e teatro a formação lá da frente tem espaço para teatro, o prédio fica fechado, a gente tem fotografia de quando você olha ali de fora, é um bem particular, mas ai a estrutura é tombada né. A ideia da gente enquanto movimento era que voltasse a funcionar, mas que diferentemente do projeto que se aventurou a fazer ali que era do Banco do Brasil, uma agencia do Banco do Brasil, que ia gerar uma lojas comerciais que ia movimentar o comercio, mas não tinha preocupação com valorização de cultura na região, isso foi antes de criação de Parque de Madureira, e ai a bandeira de revitalizar ali enquanto centro cultural precisava de mais aderência pra ganhar força, era um debate que tinha aceitação, era um debate que tinha aceitação mas que requeria uma força maior, por isso que a gente: á, vamos fazer uma caminhada pela paz e cultura, vamos é o Cine Guaraci, Movimento Pró Cine Guaraci, fizemos um evento num salão de festas que tem ali do lado do Subway ali tem uma academia hoje, fizemos um puta evento ali, um grande evento ali que veio chefe do batalhão, veio subsecretário de cultura, veio vereadores, veio lideranças desses equipamentos públicos de cultura, de assistência social, de escola, professores

e tal, personalidades da região, lideranças comunitárias e tal; e não era algo feito por um político, era algo feito pelo movimento e isso deu uma visibilidade a gente formatou tudo bonitinho com videozinho organizado convidando as pessoas, tenho fotos se precisar; ai a gente fez tipo um blog do Cine Guaraci, redigimos um texto bem legal. Ai assim, vamos pra questão, tinha aceitação dos moradores da região, da população? Com quem a gente conseguia parar e dialogar, as pessoas eram convencidas de que, um centro cultural ali mais do que uma cinema seria algo que iria atacar um grande problema qual o problema? Que acaba se revertendo depois em violência, o problema que eu tanto falei no inicio da entrevista que é a ociosidade da juventude; então se você entra com cultura, com educação, com...então projeto tinha, a gente tinha embriões de projeto, o Mauro, o José Mauro ele tinha uma coisa mais formal, ele era uma ala dentro do movimento meio que mais independente aparecia pouco e tal: não, já estou com um modelo pronto aqui, quando for a hora da conversa ai vocês falam, mão via um pouco assim de construir com a galera que tinha resgatado o movimento novamente e o fato de eu estar ali por exemplo, ser do favela e atuar num coletivo de fomentação cultural...

Pq- Contribuindo no caso...

En- exatamente isso. A ideia era contribuir com a demanda, qual era a demanda da cultura, o que que está na boca do jovem hoje, jovem gosta de

hip-hop, jovem gosta de artes cênicas, gosta do netflix, que cinema é esse...então não sei até que ponto nessa independência do movimento de ser um cara mais ausente ele não tinha tanto quanto nós Edil, Amauri, Paulo Dam, Doracir, eu, Antônio essa coisa com a preocupação com a voz do que está acontecendo, é isso, então assim, fizemos algumas ações, alguns encontros do movimento e as coisas mais importantes, ai conquistamos o quê: fizemos uma matéria de jornal, na verdade na época do governo do Eduardo Paes ele chegou e isso tem mídia lá, tem reportagem que confirma isso, chegou a...faltou pouco pra sair a revitalização dos cinemas, era um projeto do governo anterior, revitalização dos cinemas; tinha outros grupos, nesse evento que a gente fez também um projeto maravilhoso que funciona lá no shopping de Guadalupe não o shopping grandão, o outro shopping de Guadalupe que era do Adailton Medeiros, era um cinema que só passa...me fugiu o nome do projeto agora...cine, Ponto Cine, só passa filme brasileiro preço bom...

Pq- é em qual shopping

En- Naquele outro shopping tem dois shoppings em Guadalupe um grandão e esse menorzinho lá na Estrada do Camboatá, Ponto Cine Adailton Medeiros, é um projeto que o movimento Cine Guaraci dialogava muito, ele veio inclusive no... veio a galera do Ponto Cine no nosso...e também veio por exemplo a Celeste, Maria Celeste que esta ai fazendo mestrado, doutorado na área do

resgate da cultura suburbana da baixada de Irajá, sabe é uma galera que leva essa bandeira do subúrbio do resgate da identidade suburbana entendeu, e ela era do movimento Cine de Vaz Lobo, que inclusive foi vitorioso ali quando o BRT foi passai ali eles mantiveram porque também se eu não me engano era patrimônio, era tombado como patrimônio assim como a estrutura assim do Cine Guaraci é, que tem todo esse embate de tomba, destomba que vem lá de políticos lá de trás que a gente tem que compreender também, mas ali o prédio de Cine Guaraci era um prédio particular e é isso, e chegou uma época que eles iam meter um Banco do Brasil ali, ai nessas idas e vindas, ai o movimento de reestrutura, inclusive mais recentemente papo de dois anos talvez, na época até dialogou muito uma reorganização do movimento já não...ai diríamos uma terceira tentativa muito em função do período também, não é muito em função mais foi concomitante ao período eleitoral se sobressaiu, dialogou com a candidatura do Marcelo Freixo, o Freixo inclusive veio no...eu estive lá no dia o Zé Mauro foi também, o Danilo Firmino que foi um dos autores do samba campeão da Mangueira desse ano é morador aqui da área, da Ururaí não podia deixar de citar ele, o Quinha que é o Humberto também que fez parte, o Quinha pô não posso deixar de falar desses baluartes que também fizeram parte da segunda época que eu peguei do movimento, então são pessoas que dialogam legal...

Pq- Acho que vou encerrar por aqui, já temos bastante gravação. Obrigado pela disponibilidade.

## REFERÊNCIAS

- 1 DESCONHECIDO. **Drama do Cine Guaraci entra em cartaz na Câmara.** 2017. Disponível em: < <https://www.portaldoholanda.com.br/rio-de-janeiro/drama-do-cine-guaraci-entra-em-cartaz-na-camara> >. Acesso em 12 nov. 2019
  
- 2 MELO, Vitor; PERES, Fabio. **Espaço, lazer e política: desigualdades na distribuição de equipamentos culturais na cidade do rio de janeiro.** 2004. Disponível em: < [www.researchgate.net/profile/Fabio\\_Peress2/publication/28105950\\_Espaco\\_lazer\\_e\\_politica\\_desigualdades\\_na\\_distribuicao\\_de Equipamentos\\_culturais\\_na\\_cidade\\_do\\_Rio\\_de\\_Janeiro/](http://www.researchgate.net/profile/Fabio_Peress2/publication/28105950_Espaco_lazer_e_politica_desigualdades_na_distribuicao_de Equipamentos_culturais_na_cidade_do_Rio_de_Janeiro/) >. Acesso em: 12 nov. 2019
  
- 3 CULTURA, Secretaria Municipal. **A Gestão da Cultura Carioca 2013/2016.** 2016. Disponível em: < [www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/3607145/4180101/relatorio201320162812finalvirtual.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/3607145/4180101/relatorio201320162812finalvirtual.pdf) >. Acesso em: 12 nov. 2019
  
- 4 SEBRAE. **Como vai a economia no rio de janeiro?** 2019. Disponível em: < [https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/03/Como-vai-a-economia-no-Rio-de-Janeiro\\_.pdf](https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/03/Como-vai-a-economia-no-Rio-de-Janeiro_.pdf) >. Acesso em: 12 nov. 2019
  
- 5 DESCONHECIDO. **Associação Nacional de Transporte Público.** 2012. Disponível em: < <http://www.antp.org.br/> >. Acesso em 13 nov. 2019
  
- NETO, Alfredo Naffah. **Paradoxo e racionalidade no homem winnicottiano: a sombra de Heráclito de Éfeso.** 2010. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v44n2/a14.pdf> >. Acesso em 15 nov. 2019
  
- KUSHNIR, Beatriz; HORTA, Sandra. **Revista de Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.** 2012. Disponível em: < [http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/revista\\_agcrj\\_pdf/revista\\_AGCRJ\\_6\\_2012.pdf#page=263](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/revista_agcrj_pdf/revista_AGCRJ_6_2012.pdf#page=263) >. Acesso em 14 nov. 2019
  
- SCHÜLER, Arnaldo. **Dicionário enciclopédico de teologia.** Editora da ULBRA; 2002. ISBN 978-85-7528-031-7. p.158
  
- “ Série de mudanças por vir; futuro; A ninguém é dado conhecer seu devir(...)” **Dicionário UNESP do português contemporâneo.** UNESP; 1 January 2005. ISBN 978-85-7139-576-3. p.435
  
- VIEIRA, Antônio; CATANEO, Girolamo. **As lágrimas de Heráclito.** Editora 34; 2001. ISBN 978-85-7326-212-4. p.67